



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE BELAS ARTES

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL - BAV

Haydée Lima Lacerda

**O MANIFESTO DA ALEGRIA
O CARNAVAL DE RUA E SEUS REFLEXOS NA COMUNICAÇÃO VISUAL
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro/UFRJ
2019

Haydée Lima Lacerda

O Manifesto da Alegria
O Carnaval de rua e seus reflexos na comunicação visual
da cidade do Rio de Janeiro

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Escola de Belas Artes da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do grau de bacharel em
Comunicação Visual Design.

Orientadora: Prof^a Dr^a Julie de Araujo Pires

Coorientador: Prof Dr Samuel Abrantes

Rio de Janeiro

2019

Ficha catalográfica

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primordialmente, à minha amada mãe Juliana, que me nutriu todos os dias da minha vida com carinho, coragem e perseverança e se doou por inteiro como substância dos meus alicerces.

À minha família, que de tantas formas se encontra aqui, pulsando em todas as qualidades e valores que me preenchem e atuando para que eu alcance todos os meus sonhos e aspirações.

Aos meus professores, que, na mais nobre tarefa de ensinar e aprender, me concederam a dádiva do pensar e alimentaram minha alma de conhecimento.

Aos amigos com quem dividi essa jornada inigualável e que também me ensinaram tanto.

Aos autores e pensadores que me inspiram a continuar pesquisando tudo aquilo que me faz sentir viva.

A esta Instituição, que muito além de suas paredes, portas e janelas, me convidou a fazer parte do mais rico potencial que nela habita: a humanidade.

Ao curso de Comunicação Visual, que expandiu de forma única minha visão de mundo e me permitiu desenhar o encontro do que amo com o que faço.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe que me inspira, eu agradeço por cada pedaço de verdade e amor que me constitui e por me perpetuar na mulher amante da virtude tão sublime que é o conhecimento.

À minha avó Helena, por todo o calor solar e a proteção leonina que generosamente me guarda e me apoia desde meus primeiros passos (ou degraus de escada).

À minha madrinha e comadre Joana, a terceira mulher que me conduz por tantos aprendizados e descobertas profundas do mundo, agradeço a empatia e o compartilhar de nossa essência.

Ao meu avô Antônio, que habita uma parte imprescindível de mim, agradeço por me ensinar o significado mais íntimo da palavra saudade.

Ao meu afilhado Caetano, por me proporcionar a honra do entendimento do que é o amor incondicional e me ensinar tanto sobre o tempo.

Aos meus tios Allan e Arilda por me presentear com meu amado Rafael, que carnavalizou a infância ao meu lado, nos sonhos e nas incessantes brincadeiras que nos fizeram crescer felizes.

À minha prima e irmã Clara, por me apresentar o Rio de uma forma única, pelos nossos pequenos carnavais, por me acompanhar ao som de Belchior e por me ensinar sobre o que nenhuma outra pessoa poderia me ensinar tão bem: a viver!

À minha prima Flora, por me inspirar a ser o melhor de mim, por me acolher em nossos traços comuns e por me ajudar a enxergar o mundo como eu acredito.

Ao meu padrinho Guilherme e ao amado Medeiros, por me acolherem em meus primeiros passos longe de casa, por me cercarem de risadas e por me mostrarem, com tanto carinho, o universo inteiro desconhecido que se abriu diante de mim.

Ao meu padrasto Joel, por me apoiar de tantas formas em minhas conquistas, por fazer parte de nossas vidas e por me encorajar a crescer, independente dos obstáculos.

Aos meus amigos que acreditaram em meu potencial tanto quanto acredito e me orgulho do deles.

À minha querida orientadora Julie, por tanta dedicação, aprendizado e leveza durante todo o processo de construção desse trabalho. Não há palavras que expressem minha gratidão e apreço à altura de nossa troca.

À querida amiga e professora Dandara, por despertar em mim o sonho de seguir o caminho da pesquisa e por me ensinar, além de muitas outras coisas, que a maior riqueza que temos é o conhecimento e por isso devemos sempre compartilhá-lo.

Ao meu querido co-orientador Samuel, por me apresentar, em recortes de histórias deslumbrantes, a possibilidade de estudar e fazer o que mais amo viver: o carnaval.

À amada professora Vanda, por ter me conduzido pelo caminho mais puro de minha subjetividade em minhas primeiras descobertas e por ter permitido que a arte transbordasse de mim em cada desabrochar.

Aos professores e funcionários dessa Instituição e a todos que acreditam no valor da universidade pública como alicerce para a humanidade em todos os sentidos que a permeiam.

À UFRJ, por ter sido a morada dos melhores anos da minha vida até aqui e por ser palco do encontro mais sublime que pode existir entre os múltiplos âmbitos do pensar: a diversidade.

E um dia, afinal
Tinham direito a uma alegria fugaz
Uma ofegante epidemia
Que se chamava carnaval
O carnaval, o carnaval

Chico Buarque - Vai Passar

RESUMO

O carnaval é uma festa que atravessa a estética dos espaços e do vestuário de quem circula na cidade, marcando o tempo emocional como um ciclo de início “legítimo” do ano para os brasileiros e, sobretudo, para os cariocas. A cor, o brilho e as formas são traduções atemporais de inumeráveis signos históricos e sua chegada distinta ressignifica as ruas e as roupas: a rua muda de cor e de função (onde havia carros indo e vindo, há foliões, alegorias, ambulantes, bandas e fanfarras) e o vestuário vira fantasia (tela de expressão ilimitada de cada ser humano). O ritual abre espaço para uma liberdade de experimentação da imagem infinito, e quase todos os códigos visuais (e sociais) são subvertidos durante 5 dias. Em meio a tamanha abundância de informação, as reações emocionais de pertencimento e identidade se manifestam: para fazer parte do folguedo é preciso vesti-lo. Esse trabalho propõe uma reflexão acerca das representações imagéticas identificadas no carnaval (essencialmente de rua) carioca hoje e suas influências como comunicação visual nas relações de emoção, identidade e construção cultural, através do espaço, do corpo e das fantasias, na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Carnaval, Comunicação Visual, Identidade, Fantasia, Espaço Urbano.

ABSTRACT

Carnival is a celebration that takes place through the aesthetic metamorphosis of spaces and clothing of those who circulate in the city, marking emotional time as a cycle of "legitimate" beginning of the year for Brazilians and, above all, for those who live in Rio de Janeiro. The colors, the shine and the forms are a timeless translation of innumerable historical signs and their distinct arrival re-signifies the streets and the clothes: the streets change color and function (where there were cars coming and going, there are revelers, allegories, street sellers, bands and fanfare) and clothing becomes costume (the screen of unlimited expression of each human being). The ritual opens an infinite space of freedom, of experimentation, of the image, and almost all visual (and social) codes are subverted for 5 days. In the middle of such an abundance of information, the emotional reactions of belonging and identity are manifested: to be part of the event it's necessary to wear it. This work proposes a reflection on the visual representations identified in carnival (essentially of the street) nowadays and its influences as visual communication in the relations of emotion, identity and cultural construction, through space and fantasies, in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Carnival, Visual Communication, Costume, Identity, Urban Space.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O MAIOR SHOW DA TERRA - A CIDADE	19
1.1. O Carnaval de rua do Rio de Janeiro: a metamorfose visual da Cidade	
1.2. O carnaval e o tempo emocional	
1.3. A Casa e a Rua: as relações entre espaço e ritual	
2 A FANTASIA	33
2.1. A força identitária cultural da fantasia no carnaval	
2.2. Uma tela de experimentação e expressão individual e coletiva	
2.3. Quem é você: o autorretrato no fazer da fantasia	
3 A CARNAVALIZAÇÃO DE TUDO	48
3.1. Carnavalizar é descobrir o inédito	
4 METODOLOGIA OPERACIONAL	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS: CARNAVAL E DESIGN	69
REFERÊNCIAS	73
ANEXO 1: O MANIFESTO DA ALEGRIA	77
ANEXO 2: LISTA DE FIGURAS	79

INTRODUÇÃO

O Carnaval é e sempre foi meu espaço máximo de criatividade. Desde pequena, minha imaginação brinca com o universo amplo de possibilidades que essa festa permite. Foi sonhando com cortejos, embalada pelas matinês do Clube Caledônia, que cresci, no alto da Serra do Rio de Janeiro, numa cidade chamada Nova Friburgo. Naquele tempo, a grande festa do carnaval carioca só me acenava da tevê ao acompanhar, todo ano, os desfiles das escolas de samba. Mas por lá eu fazia o que podia para viver da melhor forma os dias de confete e serpentina. Era uma cidade pequena, ainda é. Mas minha lembrança de menina é o grande cortejo no coreto da praça e as marchinhas no salão do clube. Não houve um Carnaval em que eu não tenha me fantasiado. Aliás, a fantasia sempre foi meu traje preferido, independente do carnaval (no calendário). Durante toda a minha infância andei fantasiada, assim, em julho, sem nem resquício de folia na serra, lá estava eu, vestida de princesa, por cima de um monte de agasalho. O frio quase negativo da cidade não me impedia de carnavalizar a vida. Nem mesmo os figurinos anuais do ballet, que dancei por 10 anos, ficavam de fora da rotina. Herdei muita coisa de minhas primas mais velhas, muitas delas, fantasias. Não me recordo de considerar errado ou inapropriado ir vestida de fada ao mercado com a minha mãe, por exemplo. Era uma sensação livre de brincar de ser quem eu quisesse.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3

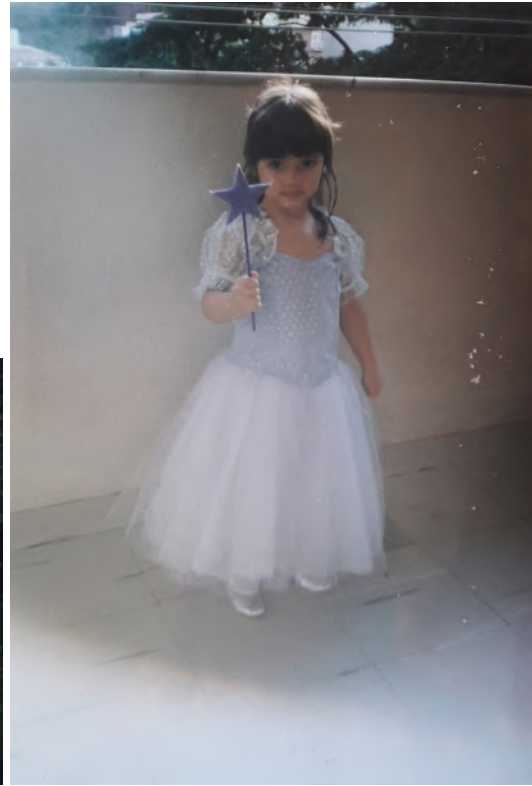


FIGURA 4



FIGURA 5



FIGURA 6



FIGURA 7



FIGURA 8



FIGURA 9



FIGURA 10



FIGURA 11



FIGURA 12



FIGURA 13



FIGURA 14



FIGURA 15



FIGURA 16



FIGURA 17



FIGURA 18



FIGURA 19



FIGURA 20



FIGURA 21



FIGURA 22

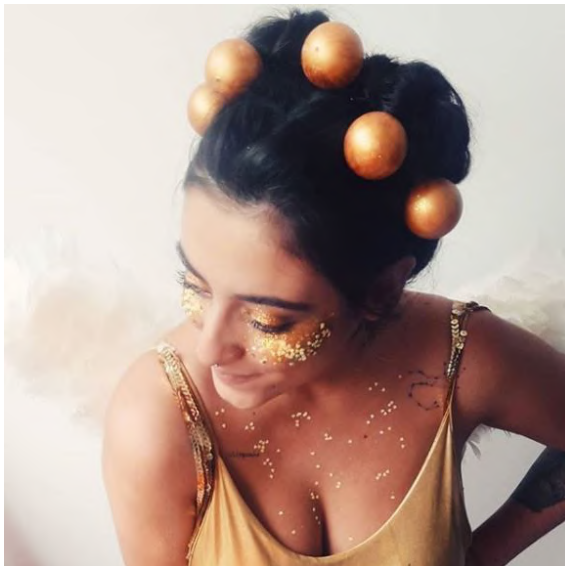


FIGURA 23



FIGURA 24

O mais triste era espichar e não caber mais em certas fantasias. Mas a gente cresce, e eu cresci apaixonada pelo Rio. Apesar de ter quase toda a minha família residindo em minha cidade natal, nunca me identifiquei com o estilo de vida tradicional e monótono de lá. Meu interior sempre ansiou por novidade, por

movimento, por conhecer o desconhecido. E foi em meu primeiro Carnaval na cidade maravilhosa, que me apaixonei perdidamente pela folia da rua. Passou a ser uma prioridade anual no calendário, descer a Serra para pular o rito perto do mar (depois vindo morar de vez). Há muito tempo já era minha a tarefa organizar as fantasias, combinar com o grupo de amigos do que iríamos vestidos naquele ano. Com o passar do tempo, vi nisso um prazer imensurável. Em outubro, mal haviam começado as férias, os croquis e a lista de materiais para fevereiro ou março já estavam prontos.

E apesar desse ciclo ter nascido no colégio, acabou por transbordar para a vida adulta. O sonho de fazer carnaval e viver do mesmo deu vida a um ateliê independente, virando marca e alcançando foliões de Santa Catarina ao Piauí! Então, cada passo descrito aqui também é fruto de um grande laboratório que pude vivenciar com minhas próprias mãos!

E o que mais amo desse universo criativo é a sua continuidade e resiliência... É um processo que não termina quando se costura o último paête. Ele vai até depois da quarta-feira de cinzas, depois da purpurina agarrada por meses no assoalho. Fica costurado nas histórias que contamos, no riso, nas ruas. Fica na memória de quem vive esse espaço único e atemporal, apesar do que a saudade de minha avó diz sobre os confetes, “na minha época eram bem mais coloridos...”. E nesse desabrochar, o carnaval coloriu cada parte do meu fazer e do meu pensar. Devo muito dessa valorização de minha subjetividade à educação que recebi na infância. Estudei em uma escola cuja pedagogia (Waldorf) preserva o encanto da criança com o mundo que começa a desvendar, através da arte. Cada passo meu em direção ao conhecimento foi muito cuidado, de modo que a construção do meu olhar estético das coisas foi muito próprio e muito único. E carnavalizar sempre foi meu ato de me manifestar no mundo, descobrindo mais tarde o meu real reconhecimento com o simbólico da festa de exaltar o que é subjetivo dentre centenas de outras peculiaridades em uma multidão.

Na minha vida, o carnaval já virou declaração de amor, já virou história em quadrinhos, ateliê de fantasias, desenho de figurino, sonho de mestrado e, hoje, desenha textos e traços do presente trabalho de conclusão de curso que aqui introduzo, no intuito de trazer para mais perto de mim, de quem escreve, as motivações por detrás do processo mágico que foi realizá-lo.

Antes de mais nada, acho essencial falar de Carnaval e Design dentro da Universidade na qual me graduo. A Escola de Belas Artes da UFRJ está, tradicionalmente, ligada à história do carnaval carioca, mas ainda assim é preciso olhar para a transdisciplinaridade dessa esfera, já tão analisada na Antropologia e nas Ciências Sociais, com mais profundidade e amplitude na investigação das Artes

e, sobretudo, hoje, da Comunicação Visual. Demarcar o lugar da pesquisa do carnaval em nossa instituição é honrar uma das maiores qualidades da identidade cultural do espaço em que ela está inserida, qualidade essa que faz, conseqüentemente, parte intrínseca do que ela é.

Nesse mergulho sui generis pelo universo carnavalesco, tive a honra de me inspirar e conhecer as teorias de antropólogos, filósofos e pesquisadores como Roberto Damatta, Frederik Barth, Stuart Hall, Vilém Flusser e muitos outros. Além de todos os conhecimentos que embasam minhas reflexões, a empatia poética que cada um deles me trouxe nesses meses de leitura fez dessa experiência de pesquisa um percurso infável.

E tendo como bibliografia principal O Universo do Carnaval de Damatta (1981), estruturei minha escrita num sumário inspirado na própria disposição do livro: **A Cidade**, onde falo de questões estéticas, temporais e comportamentais próprias da rua e do espaço urbano do Rio de Janeiro durante o carnaval; **A Fantasia**, onde descrevo os simbolismos por detrás do fazer dos figurinos e alegorias, as relações de pertencimento e individualidade no vestir do carnaval e os relatos de foliões que fazem a festa todos os anos; **A Carnavalização de Tudo** como capítulo que arremata a pesquisa carnavalesca e desvenda seus aspectos comuns ao design, com reflexões dessa imersão e impulsos para que carnavalizemos mais e mais os nossos fazeres na comunicação visual e em nossas vidas.

Por fim, o produto resultante de toda essa pesquisa é descrito detalhadamente em seu processo de concepção assim como suas motivações referenciais em **Metodologia Operacional** que precede, enfim, as **Considerações Finais** desta monografia.

1. O MAIOR SHOW DA TERRA - A CIDADE

1.1. O Carnaval de rua do Rio de Janeiro: a metamorfose visual da Cidade

O Brasil é composto por diversas camadas identitárias, interconectadas em um constante diálogo entre si. Suas festas, suas cores, raízes e heranças históricas são marcadas em manifestações estéticas desde sempre. Hoje, diversos rituais contemporâneos representam não apenas um reflexo atual da sociedade, mas uma

construção de valores e costumes que se refazem de acordo com o tempo, mantendo uma tradição “flexível” ao contexto da época. Aqui, concordo com Denys Cuche (2002) e compreendo identidade como o conjunto de elementos formadores da essência de algo, conjunto este extremamente plural e variável, impossível de ser sintetizado em simples definições, abrangendo e reagindo a transformações incansavelmente, moldando-se de acordo com o tempo e lugar daquilo com o que está relacionado. Tal complexidade na conceituação de identidade se intensifica no contexto pós-moderno, como explica Stuart Hall (2005), quando temos, com a globalização, uma diversificação ainda maior de elementos originários de múltiplas culturas, contestando heranças históricas ou ampliando possibilidades de identificação. Aí, o Brasil como território incalculavelmente plural de riquezas advindas de todos os cantos do globo, destaca-se como um grande centro dessa dialética, onde encontramos uma contraditória reflexão em torno do que se configura como “tradição” e como “tradução” (ROBINS apud HALL, 2005) nos aspectos de nossa identidade.

Nesse sentido o carnaval entra como elemento expositor dessa amplitude cultural, extrapolando a necessidade de se apoiar em qualquer protagonista, (como cito Damatta (1981) ao concordar com Bajtin mais à frente, na leitura do carnaval como uma festa sem centro) e moldando em sua imagem o caráter mais recente da sociedade contemporânea, como explica Felipe Ferreira (2007):

[...] o carnaval (ou os carnavais) pode, e deve, ser compreendido como expressão da cultura popular em seu significado mais atual. Não a cultura ‘feita pelo povo’ ou a cultura ‘feita para o povo’, mas a cultura que se estabelece dinamicamente além das institucionalizações oficiais, que se (re)organiza, se (re)questiona e se (re)produz a partir das ações cotidianas das sociedades (FERREIRA, 2007, n.p.).

O Carnaval, assim, ocupa um lugar de muito destaque, não somente por sua força tradicional e cíclica, mas por sua presença imagética marcante e inconfundível, inclusive num contexto global. E quando olhamos para dentro do país, podemos perceber as infinitas formas de se fazer o carnaval, nos detalhes que as diferenciam de uma região para a outra. Tendo o Rio de Janeiro como centro histórico da ocupação carnavalesca em diversos âmbitos, e como objeto de estudo do presente trabalho, é possível enxergar num pequeno recorte de cenas, espaços, personagens e ações, a magnitude desse evento anual (ou contínuo, como disserto mais à frente) e a escala que alcança.

Em toda grande manifestação artística, social e política, a imagem é veículo poderoso e imprescindível para a construção e disseminação de determinada ideia. Ela transforma paisagens, sugere direções, abre portas para interpretações e, na maior parte das vezes, nos diz como iremos nos comportar naquele espaço. É pela estética, falo nesse sentido de uma leitura e compreensão da interpenetração entre idealidade e realidade (GOETHE apud STEINER, 1888) e, nesse caso, fundamentalmente da imagem, que construímos nossos códigos sociais, nossas referências de pertencimento, nosso meio de expressão da nossa subjetividade para o mundo.

Nesse ponto, o Brasil, e sobretudo o Rio de Janeiro, pode ser traduzido em múltiplas camadas significativamente identitárias através da imagem (e de como essas camadas são lidas). É fácil identificar em elementos icônicos, automaticamente relacionados à cultura carioca hoje, cores extremamente alegres, composições que remetem à natureza tropical fundidas aos cenários controversos do contraste da favela com imensos prédios empresariais que o Rio abriga. Blocos de concreto uniformes se estendem em filas cada vez mais altas em oposição à irregularidade das comunidades coloridíssimas, que lado a lado observam o oceano que abraça uma terra cercada de florestas delineadas pelo asfalto que as contorna.

Tamanha diversidade, encontra em seu principal ritual festivo representativo, todos esses símbolos estampados na cidade a cada ano. O Carnaval cresce e é alimentado em 12 meses por todas essas raízes naturais ou humanas, remotas ou atuais, para transbordá-las em 5 dias na cidade que se transforma nela mesma subvertida, exagerada, tão contraditória quanto sua essência, mas tão verdadeira quanto sua síntese.

Todo ano a festa chega bem antes do que indica o calendário oficial do Rio de Janeiro. Os blocos fazem de seus últimos ensaios, verdadeiras apresentações, e a rotina da cidade acompanha esse movimento desde o fim das celebrações de Ano Novo. Mas é nos 5 dias nomeados oficialmente “carnaval”, que em questão de poucas horas, todo o desenho da cidade se reinventa. Ruas são fechadas, avenidas tomadas por multidões. Cenários caracteristicamente acinzentados, como o da Presidente Vargas e dos conglomerados empresariais no Centro do Rio, ganham um tapete de confete e purpurina que dá passagem para o mais rico encontro da imagem com as cores.



FIGURA 25



FIGURA 26



FIGURA 27



FIGURA 28



FIGURA 29



FIGURA 30

Quando observado, numa ampla captura aérea, pode-se ver o impacto geográfico e quantitativo do carnaval na cidade, porém é de perto que se enxerga a peculiaridade e os detalhes essenciais dessa festa, de seus blocos e, principalmente, do que desenha e do que diferencia suas identidades.

Territorialmente, observo que há uma visível tradição dos blocos de rua de bairros da Zona Sul serem compostos, em sua maioria, por representações imagéticas de vestuário e alegorias de caráter uniforme. Foliões vestindo camisetas de seus respectivos blocos “do coração” (não falo aqui dos abadá, vestuários tradicionalmente comercializados e utilizados como “ingresso” para participar dos blocos de micareta de Salvador, na Bahia). Além disso, pode-se destacar a forte presença de fantasias prontas, compradas em grifes ou mesmo em lojas populares, vendidas em grandes quantidades de um mesmo modelo.

Já quando nos voltamos à região Central do Rio, é fácil presenciar a grande diversidade de detalhes, cores e construções claramente artesanais nas imagens que circulam em fantasias, estandartes, alegorias e fanfarras.

De perto, a rua carnavalizada nos proporciona uma leitura muito mais plural e consistente de seus significados, que à distância. E é nessa intimidade que se constroem as afinidades e preferências do “seu” e do “meu” bloco. A compreensão do impacto estético de determinado bloco no ambiente em que adentra, atrai ou repele o público, criando uma identidade que é percebida visualmente, mas se estrutura em valores e visões de mundo profundas, intrínsecas e comuns àqueles que a sustentam a cada ano.



FIGURA 31



FIGURA 32



FIGURA 33



FIGURA 34

Não é como as escolas de samba ou o futebol, eventos inerentemente brasileiros que também se repetem em um tempo padrão, porém determinados por regras e idolatrados por seus fãs, com uma grande influência familiar ou geográfica. Os blocos do carnaval de rua se diferenciam por atrair multidões ou pequenos grupos, por afinidade estética. Seja por sua forma, seja por sua música, seja por seu texto, o conjunto de signos que cada bloco carrega é um manifesto. Manifesto esse que, construído pelas ideias de quem o compõe, regido pelas palavras de quem o canta e expresso na imagem que ocupa a rua, sustentam sua essência mais profunda e significativa. O carnaval, por ser livre, não aprisiona quem não se identifica a ele, pois sua imagem é muito forte. Por isso suas múltiplas facetas, suas infinitas manifestações, suaves por fora ou complexas por dentro.

Como rito, o Carnaval permite ainda a apropriação e transformação do espaço urbano mais pessoal e violento - no próprio coração da cidade - em pequenos nichos onde a grande cidade se esfacela em mil e uma vilas do interior. (DAMATTA, 1981, p.28).

Nada nessas representações está desprovido do cerne do carnaval: a subversão. E essa representação é tão inteligente, que se faz no interior da festa, quase imperceptivelmente, mas quando destrinchada à luz da rua, transborda os significados que espelha da realidade de toda a cidade. Toda a contradição que o Rio abriga já é exposta visualmente em sua organização social. Quando a cultura popular se apropria dessa expressão urbana, ela estampa tais paradoxos através da arte. O carnaval é um de seus canais que, conectado às raízes desses contrastes, tem em seu fazer, a demonstração ilustrativa dos valores e ideais que sustentam a realidade dessa forma, e em quase todas as ocasiões, faz essa crítica ou ressalva de maneira humorística e zombeteira.

O carnaval é construído em metáforas visuais que circulam pela cidade como um verdadeiro veículo de comunicação. Ao evidenciar a festa como um sonho de inversão de papéis, onde a fantasia vira ponte para se poder ser o que quiser por 5 dias, todas as antíteses dessa sociedade desigual vem à tona. É aí que se estabelece o caráter mágico das imagens (FLUSSER, 1985), quando a representação do mundo se coloca entre o mundo real e o homem. Essa leitura da representação da realidade sonhada, que se encontra no deslumbramento que o carnaval proporciona a quem se coloca no papel inverso ao real, expressa as mensagens “ocultas” essenciais da imagem carnavalesca.

O carnaval de certo modo revela o ‘fundo da sociedade brasileira’, diz o antropólogo Roberto DaMatta. ‘Ele inverte, traz o fundo do poço para cima, como virar uma bolsa de cabeça para baixo ou uma roupa do avesso’. Na sociedade brasileira, ‘onde tudo é proibido’, Roberto afirma que momentos de liberação sempre se fizeram necessários. ‘[O Brasil é] uma sociedade que teve também reis, imperadores, que teve uma aristocracia pesadíssima com escravidão negra, uma sociedade que é patronal, familística, e que, como em quase todas as sociedades tradicionais, estavam inscritos na dinâmica destas sociedades determinados momentos orgiásticos, onde se podia fazer tudo’, diz (BECHARA, 2018).

Assim, revela-se também a necessidade de existir o carnaval, não apenas como elemento mediador entre a realidade e o ideal, mas como forma de escape imediato dos sobre cargos físicos e emocionais que viver em uma cidade como o Rio de Janeiro acarreta:

Do carnaval fala-se muito e pode-se dizer tudo. É caos dionisíaco. É inversão do mundo. É mecanismo de liberação provisória das formalidades controladas pelo Estado e pelo

Governo. É válvula de escape das frustrações acumuladas no período das implacáveis rotinas que nos achatam ao universo do trabalho e da produção (DAMATTA, 1981, p.28).

Para escapar da rotina, do repetir exaustivo, do cotidiano monótono, é preciso mais que um tempo de trégua. É necessário que esse tempo se desloque de seu próprio significado cronológico habitual. O carnaval existe como um espaço que não se passa marcado pelo relógio, mas pela emoção. Esse estado não cabe em datas, horas ou prazos limites, ele se manifesta na atmosfera sensível de quem o alcança e pode senti-lo. Por isso não se localiza num ponto entre o passado e o futuro, ele se estende para todas as direções, no reafirmar de tudo o que somos e na esperança de que sua existência cíclica não deixará essa certeza se esvaír. Esse tempo mágico que vivenciamos no carnaval, entendo aqui como tempo emocional.

1.2. O carnaval e o tempo emocional

O carnaval, no Brasil, é mais determinante que a “folhinha”. Posto que o calendário oficial do Rio de Janeiro insista em marcar tais datas, não há carioca que negue que o ano só começa mesmo depois da quarta-feira de cinzas. E o fato é que já se espera ansiosamente pela festa assim que o Réveillon acaba, seja pra correr para a serra e se exilar da fanfarra, seja para mergulhar na fantasia planejada desde fevereiro passado. E isso fala muito mais sobre o povo, sobre a sociedade, sobre a cultura e sobre o Brasil, do que se imagina. O carnaval é uma certeza plena, um direito inato da nossa gente. Se não tem carnaval não tem sentido, não tem início, meio ou fim. O carnaval é uma metáfora aglomerada em 5 dias, de tudo o que é ser brasileiro. E mais: o carnaval subverte na fantasia, e deixa transparecer, o quanto desse tempo nos é essencial para renovar não só o ano, mas o espírito, nesse ciclo.

A repetição festiva, como disse Thomas Mann, é a abolição da diferença entre o ser e o ter sido. Todo ano tem Carnaval – e todo ano é o Carnaval que, talvez mais do que qualquer outra instituição nacional, nos certifica da continuidade do Brasil. Apesar de todas as mudanças, inclusive as que ocorreram no próprio Carnaval. Imaginar um Brasil sem Carnaval seria como imaginar uma noite sem lua ou um arroz sem feijão (DAMATTA, 2013, n.p.).

E como diz DaMatta (2013), apesar das mudanças dentro do próprio carnaval através do tempo, a sua essência permanece como traço único e inevitável da identidade do país.

Ao concordar com a ideia de Bajtin, de que o Carnaval é uma festa sem centro, DaMatta (1981) defende a folia como um evento de todos e de tudo ao mesmo tempo.

Comparando-o às outras festividades, faz uma reflexão sobre o aspecto quase sempre comemorativo de uma figura, grupo ou instituição específicos. O Carnaval não: este é desvinculado de qualquer ponto central a ser celebrado, dividindo-se em incontáveis motivações espalhadas pela cidade e pulsando vivas no íntimo de cada um.

Exatamente por esse motivo, o Carnaval possui um caráter tão essencial e representativo socialmente hoje. O fazer do Carnaval é um ato que renova repetidamente a força da identidade cultural brasileira, e nesse sentido, carioca, revelando-se não apenas uma eventual aglomeração de significados, mas uma verdadeira manifestação visual e sensorial infinitamente cíclica de uma cultura que existe e resiste. Um justifica a existência do outro: enquanto houver Carnaval, há um Brasil que só é Brasil enquanto houver Carnaval. A visão de muitos estudiosos do Carnaval sobre esse Brasil, que reconhece em si um ciclo anual de renovação pela festa carnavalesca, ser o único Brasil que conhecemos, que sem isso seria outro Brasil (se é que assim poderíamos chamá-lo), aponta o imensurável peso emocional e identitário que o Carnaval tem na história e na vida de todo brasileiro.

Mas isso não é tudo, porque o Carnaval também tece uma ligação profunda com o tempo, tornando-o cíclico. Conforme cantamos “é Carnaval...”, sabendo que esse tempo especial e renovador será repetido no próximo ano, tal como vem se repetindo desde os tempos imemoriais; ou enquanto o Brasil for Brasil. No tempo do Carnaval, assim, estamos fora do reino transformador da história - ou melhor: do tempo causador e modificador das coisas, dos homens e do mundo. Do tempo como história. A temporalidade carnavalesca é uma época marcada pela abertura do tempo em todas as direções, daí a enorme sensação de abertura e renovação (DAMATTA, 1981, p.28).

O fato de o Carnaval se configurar como uma intervenção urbana temporária, destaca também a importância dessa curta duração no sentido emocional com que se relaciona com o rito. Uma festa que vira de ponta-cabeça toda uma cidade, subverte códigos sociais e expõe ao máximo suas mensagens com exagero, pode só ter seu status tão privilegiado e impactante no Brasil, por estar limitado a 5 dias e nada mais, após a quarta-feira de cinzas. Isso também traduz um comportamento social predominante, não só aqui, mas globalmente falando, da alta valorização do que é escasso e da sua idealização, conseqüentemente.

Segundo Temel, o 'temporário' está localizado entre o 'efêmero' e o 'provisório'. Enquanto o efêmero é algo que tem vida curta e que não pode ser estendido, o provisório começa com vida curta, mas muitas vezes acaba virando permanente, enquanto não se providencia algo de melhor qualidade. O temporário, por sua vez, seria algo que inicialmente tem a vida curta como o efêmero, mas que pode ser alongada como no provisório, embora sem ser um substituto precário de outra coisa. (SANSÃO, 2012, p.35).

Além disso, o Rio de Janeiro testemunhou, nos últimos anos, um intenso movimento de organização para “transbordar” o Carnaval para o resto do ano. Blocos, fanfarras, festas noturnas tradicionais cariocas se uniram para, pelo menos em um fim de semana a cada mês, reacender a folia na cidade. E tudo acontece como manda (ou desmanda) o ritual: fantasias, carros de som, ruas fechadas. Seria esse um reflexo do esgotamento cotidiano da cidade, por sua rotina exaustiva, por suas regras limitantes, por seus códigos conservadores, por sua sede de cultura e mais cor em seus dias? O fato é que a duração do Carnaval é algo que acompanha o caráter flexível do mesmo. E ainda quando espalhado a cada mês do ano, não deixa de ser temporário. Ele não é a regra, é a exceção.

Mas não é só sobre renovação que fala o tempo do carnaval. O carnaval é também voltar no tempo, é saudade. É reviver uma estética que se mantém ainda hoje nas marchinhas e fantasias de bate-bola. O carnaval sustenta uma imensurável carga de saudosismo em seu ritual. E o fato de se poder revivê-lo a cada ano, não é só a esperança de testemunhar o novo, mas de encontrar o velho. E como faz essa festa exatamente o papel do pertencimento a um lugar, a uma raiz atemporal, o conceito de nostalgia não poderia encontrar melhor espaço para se manifestar. O carnaval recria pela fantasia o tempo ideal de cada um. E para reviver um passado idealizado, basta fantasiar-se dele. E é nesse momento que talvez se perca a magizicidade da imagem: apesar da fantasia, os tempos são outros. Então retorna-se à realidade para falar do carnaval exatamente como se fala da vida: “no meu tempo o carnaval era muito melhor que hoje...” e assim continua-se num eterno devaneio de retornar.

DaMatta (1981) cita ainda o prazer do tempo de sentir o que não sentimos em nossas rotinas ou naqueles espaços, que ocupados pelo carnaval nos permitem outros comportamentos. Fala do prazer de se apaixonar no meio de uma multidão, em plena praça pública. Nesse sentido, é expressivo como o carnaval é também uma forma de deixar a própria imagem transparecer à luz da emoção. O ritual é tão espontâneo, que rompe muitas vezes com a imagem manipulada que criamos sobre nós mesmos. Ele chega como forma de se despirmos dessas “máscaras” e apesar de, ironicamente, mascarados, sermos o que genuinamente somos.

1.3. A Casa e a Rua: as relações entre espaço e ritual

Um aspecto da importância do carnaval está em seu caráter político de ocupação dos espaços, da rua, da cidade pelo povo que dela é dono e disso precisa ser sempre lembrado. Em meus estudos de campo, imersa no carnaval de 2019, pude observar o quanto o papel empoderador e politizador do carnaval, no sentido mais puro de dar consciência a quem dele participa ou observa, foi e é essencial para o povo no momento atual que o país atravessa. É a forma com que os corpos, que são donos de si, se colocam nas calçadas e avenidas e afirmam que “essa cidade é nossa!”. É a diversidade que desfila sem medo nesse tempo e lugares curtos demais para serem eternos. Porque nesse Brasil atual, deste ano e desgoverno nefastos, que transgride décadas em semanas, é necessário o carnaval para dizer o que não se diz sem as multidões caminhando juntas, coloridas, orgânicas e libertas pelo espaço que é seu, dançando sua cor, suas formas, sua história, suas revoluções, seu jeito de “amar e mudar as coisas”.

Quando se tratando das transformações visuais urbanas que o Carnaval proporciona na paisagem, pode-se analisar diversas esferas e níveis em que essa metamorfose toca. Uma delas é a da comunicação clara de reorganização espacial e funcional da cidade: a rua por onde trafegam os automóveis dá lugar a multidões que ocupam cada centímetro do asfalto. De vez em quando uma alegoria, um carro de som, mas que comparados ao “formigueiro” tornam-se apenas um pontinho responsável por propagar o som que agita o mar de gente que preenche o mapa. Interessante observar como esse evento traz à tona, com muita clareza e tons, a importância da imagem na função do espaço.

Outra esfera é a da resignificação do ambiente, fenômeno muito observado em instalações de arte e design por exemplo, e aspecto essencial da comunicação visual, que é essa transformação que se estabelece no olhar e reprograma o comportamento frente aquela nova “realidade” na qual o indivíduo se insere. Relações íntimas e informais, normalmente vividas no ambiente privado, transbordam para a rua sem cerimônias, enquanto o particular no carnaval passa a ser o que há de mais formal (quando comparada ao público) e burocrático, como as festas em clubes e casas exclusivas.

Essa relação é explicada por DaMatta em alguns de seus livros e artigos, como a dicotomia Casa x Rua, onde fala justamente dessa inversão de valores e costumes entre os espaços públicos e privados. Uma das maiores demonstrações do papel expositor de significados do carnaval, está na “inversão” de posição em relação às

classes sociais e os lugares que elas ocupam. Nesse sentido, a cidade tem uma função essencial de mediar essas relações, expondo ao máximo os contrastes estabelecidos por elas. DaMatta (1981) comenta sobre o prazer de um rico arquiteto poder pisar descalço naquelas ruas do centro da cidade. Ao mesmo tempo uma família humilde que jamais frequentaria um lugar como o Teatro Municipal, almoçando feliz nos degraus da escadaria de sua majestosa fachada. Tudo isso por, simplesmente, ser carnaval.

Carnaval é também mistificação das massas, pois a sociedade de fato não muda. E é igualmente momento onde o povo enquanto massa pode viver o mundo como liberdade, igualdade, vitória e, sobretudo, abundância. É tempo de utopia e fantasia, quando a miséria urbana pode ser coberta por uma fantasia de Rei, Pirata ou Jardineira. É também festa tradicional, vinda da Ibéria dos entrudos violentos e da Roma Pagã das Saturnálias, quando Saturno estabelecia seu reino entre os homens tornando-os todos iguais. Além disso, o Carnaval também é feriado que libera os homens do jugo do trabalho, e não deixa de ser também ocasião onde se pode viver o mundo real como um teatro, com e como fantasia. E, inversamente, viver a fantasia como mundo - como parecem fazer esses personagens que esperam pacientemente pelo Carnaval para poderem vestir suas extravagâncias, sonhos, ambiguidades e desejos (DAMATTA, 1981, p.28).

A força com que a modificação da paisagem, do vestuário, da estética sonora e imagética influenciam no comportamento das pessoas é verdadeiramente impressionante. É comum observar os vagões de metrô na sexta-feira de carnaval, lotados de pessoas, divididos por um contraste claro entre foliões e trabalhadores voltando para casa: uns sentados com suas malas, ternos ou saltos altos. Outros, seminus, dançando por todo o trem, tocando instrumentos, gritando, abraçando-se, beijando-se. Em um mesmo ambiente, a imagem que carregam e que incorporam em personagens define dois comportamentos opostos. Afinal, para fazer parte do folguedo é preciso vesti-lo.

2. A FANTASIA

2.1. A força cultural identitária da fantasia no carnaval

Vestir-se é, sem dúvidas, um dos atos de maior auto afirmação de nossa identidade. Dentro desse gesto tão cotidiano, estão embutidas razões históricas, pessoais e culturais, códigos, padrões de décadas que se repetem e se reinventam e, não menos importante, o nosso livre arbítrio. Sim, porque por mais que sejamos influenciados por diversas redes estratégicas do mercado da moda, no fim do dia, quem decide o que tirar do armário somos nós. E o que tem o carnaval de crucial e revolucionário nesse ponto? O carnaval nos permite construir por inteiro, sem regras ou tendências toda ideia e fantasia que quisermos ser/vestir. Por mais que a moda insista em tentar se introduzir no rito, o tempo emocional deste não condiciona o vestir a um ícone padrão temporário e finito, específico daquele ano, década ou era fashion. A fantasia como *dress code* das ruas cariocas, nos meses de janeiro a março, sintetizam ou transbordam a liberdade de experimentar e ser experimentado pelos olhos de quem passa ao redor e ri, se emociona, leva um susto ou se aproxima. Ela conduz, talvez, o único momento do ano em que nos apoderamos tanto de nossa criatividade e sonhos, que tornamos verdade incontestável o soar de Elis e Chico, e que naquele, e só naquele, instante “eu sou colombina, eu sou pierrot...”.

[...] fantasia carnavalesca, revela muito mais do que oculta, já que uma fantasia, representando um desejo escondido, faz uma síntese entre o fantasiado, os papéis que representa e os que gostariam de representar (DAMATTA, 1997, n.p.).

Além desse caráter festivo, muitas vezes luxuoso nas plumas e no brilho que se vê pela rua, a fantasia dá destaque a uma relação interessante de ser analisada: embora o ato de se colocar uma máscara ou caracterizar-se como um palhaço possa ser interpretado como um gesto de esconder-se sob camadas, mais rica ainda é a leitura de que a fantasia traduz o contrário, transparece, ilustra as vontades ocultas, da espontaneidade que o carnaval permite transbordar em seu vestir. O exagero das inversões de papel que desfilam descontraídas nas ruas adornando os corpos, traz, talvez, para um lugar mais íntimo e legítimo, as verdades abafadas que carregamos todos os dias em nossos códigos de formalidade.

Essa relação pode explicar a luta constante do mercado da moda para adentrar e influenciar também esse espaço mágico do carnaval, para “produtificar” a fantasia na mesma escala elitizadora que a roupa usual. Mas o que acontece, ou o âmbito que consegue tocar, é o contrário. Nos últimos anos o que se observou bastante na estética da moda carioca foi o transbordamento de características carnavalescas

para dentro de looks cotidianos, nas mais variadas ocasiões. O exagero, a mistura de informações, a linha tênue entre o caos e a genialidade no vestir deixa explícito o quanto a moda se apropria cada vez mais do carnaval (artesanal, único, original) no anseio de atingir o que ambos aspiram: a autenticidade. E mais que isso, ao absorver a carnavalização das ruas, a moda também modifica o estilo de vida da cidade, subvertendo seus códigos padrões, “permitindo” composições divertidas como um casaco de oncinha sobre uma jardineira amarela junto a meias poá trocadas, combinadas a sandálias birken, em pleno inverno. Mas mesmo suprimindo muitos vazios e contradições da produção mercadológica da moda e reinventando o olhar descartável do consumismo, essa liberdade tem limites e julgamentos e não alcança o potencial que o fazer íntimo e artesanal da fantasia permite no carnaval.

O que observo no processo criativo do fazer da fantasia em relação ao processo criativo do design é que ambos apresentam dinâmicas muito peculiares, cada qual em seu universo. Em todas as trocas pessoais que pude ter, em meu estudo de campo, percebo que a criação do figurino carnavalesco para a rua tende a se originar das possibilidades que materiais cotidianos reinventados proporcionam. São todas as estrelas do céu que cabem em um pisca-pisca de natal costurado a um lamê azul marinho. Ou o guarda-chuva encapado de organza laser e papel holográfico que se torna a mais bela água-viva flutuante na multidão. São em sua maioria, os materiais já criados para outra função, reavaliados em sua “mágica” para compor uma representação visual de algo completamente diferente de sua natureza. É uma forma de “reciclagem” viva e incansável, pois mesmo quando o carnaval “termina”, sua metamorfose perdura, afinal o carnaval também é época de desaparecimento material.

Nenhuma fantasia feita em janeiro tem a pretensão de ser ela mesma após a quarta-feira de cinzas. Por mais cuidada e detalhada que seja a confecção da vestimenta para os dias de folia, já ali, nos primeiros bordados, está uma despedida. Despedida embutida numa certeza de que não há como viver o carnaval inteiramente se existirem preocupações de apego ou demasiado afeto com a roupa ou suas alegorias. Passar por um bloco é deixar para trás um ano desgastado e também algumas lantejoulas e adereços excessivos.

Interessante pensar no simbolismo que a fantasia também carrega enquanto *outdoor* coletivo da rua. Os detalhes únicos sempre nos surpreendem e fixam nossa atenção, é claro. Mas observar padrões temporários e diferenciá-los entre o que se mostra intrínseco ao carnaval e o que se vai em uma só geração é ler o carnaval de uma outra forma. Uma dessas questões é a mulher como centro imagético da festa. Lá em Universo do Carnaval (1981), DaMatta já traduzia em palavras essa essência que captou nas ruas do Rio de Janeiro ao imergir na folia ao lado do fotógrafo João Poppe, que a revela tão intimamente em seus registros. Quase quatro décadas

depois, o carnaval carioca desfila em suas esquinas e vielas o mesmo semblante feminino estampado nas fantasias caricaturescas de homens que subvertem ou eternizam a mulher em seus trajes, maquiagens e trejeitos. Hoje, sendo muito mais discutido o papel social da mulher, vê-se um diálogo mais presente sobre a sexualização e satirização do gênero nos figurinos de carnaval usados por homens. Aí, mais uma vez mostra-se a função politizadora do rito que, mesmo quando sem pretensões, traz à tona de forma colorida e exagerada, pensamentos e valores ainda presentes no cotidiano de um lugar que, como o Rio, abriga uma abundância de princípios e convicções das mais variadas origens e séculos.

Há grupos que se destacam também nessa dança do ir e vir atemporal do carnaval na cidade. Fantasias que por algum motivo se repetem com tamanha força nos blocos por décadas, que parecem estar para o carnaval como o carnaval está para o Brasil. Os clóvis, rodados ou bate-bolas, talvez as figuras mais antigas do carnaval carioca, permeiam até hoje os blocos de rua e, apesar de terem passado por grandes transformações estéticas desde seu aparecimento (acredita-se que em meados do início do século xx), muitos foliões carregam a tradição com muita seriedade a cada ano. Pois não é só pelo desfile. É pelo pertencimento, pelos laços de identificação que se formam, tornando aquela vestimenta quase um ícone familiar. É o que acontece hoje com novas fantasias ou “ordens” de foliões que começam a desenhar uma tradição na cidade, como por exemplo os pernaltas.

Pernaltas são foliões comuns, amantes do carnaval de rua, que decidiram desfilar nos blocos de um novo ângulo: sobre pernas de pau. No meio da multidão, parecem flutuar em frente à banda, numa altura de 70 a 100 centímetros do chão, brincando, dançando, equilibrando seus corpos em duas finas estruturas de madeira ou alumínio que parecem não existir em meio ao mar de gente. Apesar da origem circense, da altura amedrontadora e do treinamento que elas exigem, as pernas de pau tem se tornado objetos cada vez mais desejados pelos “carnavalescos” cariocas, seja pelo prestígio, pelo fascínio, pela elegância ou aparente luxuosidade que exibem nos últimos anos. Mas o desejo de pertencer àquele grupo seletivo e destemido, que se delicia com um carnaval só deles lá nas alturas, também é nato do ser humano que se dispõe a relacionar sua identidade a outras mil. Aí se encontram as infinitas possibilidades de afeto ou egresso que a rua como berço das trocas humanas possibilita entre o “eu” e o “outro”, num período um tanto quanto libertador da cidade.

2.2. Uma tela de experimentação e expressão individual e coletiva

De todas as facetas com as quais o Carnaval se assemelha ao design como numa simbiose, creio que essa sobre a qual discuto a seguir é a primordial, aquela que os faz tão análogos que às vezes adentram os espaços um do outro quase não permitindo a mim ou a você diferenciá-los em seu fazer.

Pois bem, trata-se da construção do carnaval como uma tela de experimentação única e ilimitada da expressão individual ou coletiva de quem o faz. Onde se estabelece a criação, com quem e como, definem uma história complexa, profunda e inteira de um processo que pode ter diversos caracteres, do comercial ao auto retrato, da crítica social à tradição familiar de vestir-se de bate bola, desde os primórdios da folia na Cidade Maravilhosa. E dentro desse intenso laboratório de criação, um aspecto multidisciplinar fundamental à inovação pode ser observado: a essência cíclica, porém renovável, equilibra a tradição à necessidade de um novo brilho para aquele ano, brilho este que nunca foi visto nos anos passados, mas precisa aparecer, brotar de algum lugar, vibrar como o ponto alto que marcará historicamente o visual daquele fevereiro. A tradição dá a certeza do acontecimento, e a expectativa, a certeza do novo.

Essa necessidade latente faz com que exista um empenho sempre crescente de quem faz o carnaval em reinventar antigas ideias e formas já gastas pelo tempo de forma que continuem existindo mas surpreendam tanto quanto o inédito. Daí a frequente aparição de grupos ou indivíduos estabelecidos em números ou isolados em alegorias, numa busca constante por fazer-se raro numa e avenida entre milhares.

O bloco de rua pode parecer despreziosamente acolhedor à primeira vista, porém, se percebido intimamente, dentro de uma mesma multidão dividem-se dezenas de subgrupos organizados por seus componentes de acordo com seus signos em comum. São as fantasias de um mesmo filme ou tema, as paletas de cores coincidentes, os ícones do verão daquele ano, que ao se encontrarem, ou mesmo já reunidos previamente, fazem despontar o sentimento de pertencimento àquela pequena esfera ambulante em meio ao mar de foliões que se desloca. Não é o puro e simples fato de estar fantasiado que te inclui no estado imagético do carnaval. As fantasias em grupo são prova de que criamos experiências visuais de diferenciação ou analogia para nos identificarmos como pertencentes a uma tribo, uma família, um bando, uma comunidade que se estabelece temporária ou permanentemente.

A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. Esta concepção de identidade como manifestação relacional deve-se à obra pioneira de Fredrik Barth. (CUCHE, 2002, n.p.)

Nesse sentido, há aqueles que se sentem mais confortáveis nessa associação grupal da imagem que os veste e aqueles que buscam justamente o contrário: quanto mais peculiar e díspar, melhor! Isso também está relacionado com a autodescoberta a partir da experimentação. O potencial criativo é multiplicado quando se experimenta, erra, conserta, busca soluções. E esse espaço de investigação proporcionado anualmente a quem produz o carnaval é uma verdadeira alavanca para o poder de reflexão e produção transformadores da visão de mundo de cada um. O amplo empoderamento conscientizador do carnaval não está só no plano da subversão pelo disfarce. Quantas pessoas descobrem habilidades artísticas surpreendentes no tempo do carnaval, apenas por se permitirem criar! E outras tantas que compreendem dinâmicas emocionais humanas triviais num simples contato com o fazer artístico que foge à rotina empresarial dos grandes blocos de concreto cinza do Centro da Cidade...

O sonhar com a fantasia é também um sonhar com aquilo que gostaríamos de ser em uma realidade onírica. Daí fantasiar como sinônimo de devaneio. E a fantasia é justamente a ponte material desses dois planos. Desde seu planejamento mais sintético até o toque da lantejoula que cobrirá o tecido de bordados, a experiência de autopercepção na confecção do figurino é única e simultaneamente sensorial, tátil, intuitiva e sutil. O peso do aspecto visual da fantasia como “encarnação” da nossa ficção íntima, é o que nos faz vibrar ao vê-la tomando forma pouco a pouco, saindo de uma utopia para vestir-nos na realidade. Ver nossa fantasia pronta é como ver uma superfície encantada que nos permite vivenciar, fora do nosso tempo habitual, tudo o que o carnaval nos permite. Como Leonardo Alves cita Barth (2018): “O que você é resulta da transação entre a sua autopercepção e de como é percebido pelos outros.”.

O outro tem um papel quase tão importante quanto nós mesmos na expressão da nossa subjetividade. A maneira como construímos nossas múltiplas máscaras ou nos despimos de nossos disfarces tem relação direta com o olhar do outro que entra em contato com nossa “interface”. Nossa postura, nossa fala, nossos gestos, nosso tom, tudo é um diálogo entre nosso interior (repleto de segredos íntimos que só nós conhecemos) e o exterior (aquilo ou aquele a quem contamos das formas mais diversas sobre esse interior). A forma como isso será externalizado depende de nós,

e como será interpretado e recebido depende do outro. E o resultado disso é a nossa substância. A autopercepção está em cada troca humana, consciente ou inconscientemente. E não seria diferente na construção da fantasia. O próprio processo é uma tradução de si, um edificar mais planejado e colorido do que há gravado na gente e das infinitas formas com que poderão nos ler, no espaço mais aberto que há de se expor: a rua.

2.3. Quem é você: o autorretrato no fazer da fantasia

Não haveria melhor forma de trazer aqui a substância do fazer carnavalesco senão com relatos de quem justamente o vive. Em minha imersão nas ruas do carnaval 2019 pude estar em contato com pessoas das mais diversas áreas profissionais, idades e regiões do país. Antes, durante e após os dias de carnaval, coletei os traços, emoções e poesia da fala de quem se permitiu expressá-los. Tendo o processo de fantasiar-se como ponto central desses diálogos, é interessante observar como tal movimento se encontra dentro de cada um de forma tão peculiar. Daí o olhar que procuro desvendar aqui, da fantasia como uma forma de construção do autorretrato:

Autorretrato, muitas vezes é definido como um retrato (imagem, representação), que o artista faz de si mesmo, independente do suporte escolhido. Reconhece-se, em geral, a partir da renascença italiana, que este tipo de auto representação passou a ser cada vez mais frequente “O autorretrato é uma manifestação artística que consiste em aprofundar a reflexão sobre si mesmo. Segundo o ponto de vista tradicional, realizar um autorretrato é olhar-se refletido, tomar consciência de si como um todo unificado.
(ARAÚJO, 2018, n.p.)

Nesse processo, por meio da gravação das vozes ou simples registros de frases curtas que me chamaram a atenção, selecionei o que de mais relevante consegui recolher dessas trocas do carnaval 2019. Ao transcrevê-las aqui, vejo o quanto cada um aborda um aspecto pontual da minha pesquisa e fortalece certas reflexões acerca do vestir e do tempo carnavalesco descritas aqui:

Na minha vida o carnaval sempre foi um momento de me esvaziar, botar pra fora aquele peso que a gente carrega quando carrega o mundo nas costas. Eu sou muito extrovertida e às vezes isso pode parecer sinônimo de leveza, mas não é.

O carnaval é a única época do ano em que eu consigo aliviar qualquer confusão interior e o engraçado é que isso vem fora pra dentro. (Foliã 1).

Toda vez que eu saio de casa eu encontro uma purpurina no meu capacho e olha que nem sou dessas que vivem de bloquinho o ano inteiro. Mas acho ótimo, inclusive gosto de encontrar esses pedaços de carnaval espalhados pela minha vida, no chão do banheiro às vezes, dentro do sapato, na pia da cozinha, na gola da minha camisa, que é pra não esquecer que alegria existe. (Foliã 2).

Tenho 27 anos e nesses 27 anos eu nunca presenciei nada igual ao carnaval de rua do Rio. Não sou carioca mas o carnaval me faz acreditar que nasci aqui. É um sentimento tão indescritível que acho que só de fantasia no corpo no meio do centro e daquela gente toda é que dá pra entender o real sentido dessa festa. É que é mais que uma festa né? É uma ebulição dos sentidos, dos traços, da vida. E o melhor de tudo é que parece que esse vigor dura exatamente 12 meses até a gente encontrar ele de novo. (Folião 3).

Eu desfilei em escola de samba por 14 anos, desde pequenininha. Meus pais faziam tudo pelo barracão. Era aquilo que eu conhecia como carnaval, e eu gostava, gosto da avenida até hoje. Mas só quando completei 18 anos que fui experimentar o carnaval de rua, dos blocos, das pessoas fantasiadas, em cima dos muros da cidade, das janelas das casas... Só aí que eu entendi o quanto eu amava essa época do ano, que na verdade aqui no Rio nem tem época. Eu ainda desfilo na minha escola de coração, mas depois daquele ano, a rua me ganhou pra sempre! (Foliã 4).

(...) É que acontece uma coisa diferente quando a gente se dispõe a conhecer a cultura de uma cidade que não é a nossa, mas também existe um elemento mediador dessa experiência que é a receptividade que determinado evento dessa cultura possui. Há lugares em que a gente se sente um extraterrestre, demoramos a assimilar o que está acontecendo, o que não deixa de ser muito interessante. Tem aquelas em que nos tornamos meros expectadores da cena pois não nos sentimos num papel tão representativo para adentrar aquele festejo

simbólico para povo daquele lugar. Mas o carnaval carioca tem um quê de nos fazer sentir e ser tão parte dele mesmo, que é quase impossível estar do lado contemplativo. No máximo admirando aquelas incríveis criaturas caricaturescas passando por cima de nós em suas pernas de pau há metros e metros do chão, mas ainda assim nos sentindo um pedaço mínimo mas essencial para que aquele ritual aconteça. O carnaval desenha um traço de pertencimento incomparável culturalmente falando, e desperta na gente essa coisa deliciosa que é desvendar a rua e quem habita a rua. (Folião 5).

Minha história com o carnaval acho que vem diretamente de vestir os figurinos. Antes de sair nos blocos daqui, eu já era vidrada em eventos e festas à fantasia. Me vestir de algo mágico, impossível, surreal é algo que me dá frio na barriga, fico ansiosa, sonho com os tecidos, com os detalhes, arranjos, cabeças... É um processo em que me entrego de corpo e alma. Já cheguei a ficar um dia inteiro sem comer para terminar a fantasia que eu tanto queria ver pronta. Mas o dia de vesti-las é ainda mais importante, porque é muita dedicação e expectativa. Acho que é quando a ideia que tive há semanas num rabisco de papel se torna real e eu posso ver finalmente o resultado de um planejamento mágico. E o que me dá mais motivação é esse poder que o carnaval tem de permitir e aceitar o que quer que a gente invente de ser. Não é um planejamento monótono como as coisas da rotina, é ver além de todas as possibilidades que já existiram de se representar para o mundo. (Foliã 6.)

Trabalhar com carnaval não é lá a coisa mais simples do mundo. É corrido, tem que fazer a oportunidade, mas é um “mercado” cada vez mais crescente. Eu nem gosto de chamar de mercado, porque parece que perde o brilho, por mais que seja o que me mantém durante metade do ano. Mas a verdade é que as pessoas estão cada vez mais entendendo o carnaval, que não é só beleza e celebração desgovernada. É empoderamento em tantos níveis... Viver de carnaval pra mim só se tornou uma realidade quando eu também entendi seu real significado. E não tem nada que se compare ao valor de passar os meses de novembro, dezembro e janeiro mergulhada em plumas, pedrarias, lantejoulas e purpurina. Eu vivo e respiro um universo à parte e só meu de certa forma. Tudo o que eu crio ali tem uma pitada do que eu gostaria de ser nessa e em outras realidades também. (Foliã 7).

Fantasiar pernaltas é algo que exige muitos olhares e ângulos criativos da mesma pessoa. Eu no caso gosto de imaginar que aquela estrutura de madeira ou metal é parte daquele ser dançante, assim como se tudo fosse um só mesmo. Então preciso visualizar uma outra anatomia, que não a humana, mas a fantástica e carnavalesca. Só isso em si me bastaria para descrever o quão ampla é a minha visão desse processo, mas ainda mais profundo é o detalhe que revela aquela fantasia no meio da multidão. Porque não é o simples fato de estar acima do topo da maior parte das cabeças em um bloco que faz com que aquele sujeito brilhe mais que o que o cerca. É preciso mais genialidade ainda para se vestir no alto do que se estivesse no chão. Senão é quase como um desperdício usufruir de tamanho prestígio a desfilas naquelas pernas e ter acesso a vistas deslumbrantes sem estar vestido “a altura”. (Folião 8).

Esse ano estou sentindo que as pessoas tomaram as ruas, as fantasias, os adereços, tudo mesmo e entenderam que isso tudo é delas. Quando você olha esse mundo de gente ocupando isso aqui, ninguém é capaz de dizer que não somos donos dessa cidade. (Foliã 9).

Ninguém sabe o que vai acontecer no carnaval daquele ano, é sempre uma expectativa, todo mundo se prepara semanas antes, faz seus personagens surreais, se “muda” para a casa dos amigos, tem gente que faz tudo em cima da hora e aparece quinta-feira no saara pra ver se arranja alguma coisa pra “amanhã”. Por isso que eu acho que a festa mesmo é o processo, é a jornada até o carnaval “acontecer”. O arripio desse plano todo se concretizar é justamente estar ali criando e fazendo parte dele. E isso está tão amarrado à nossa tradição que nós, cariocas, muitas vezes nem percebemos isso. (Folião 10).

Assumir um personagem que se repete no carnaval é um desafio que pouca gente imagina o quanto é difícil. Desde criança eu me visto das coisas mais mirabolantes e imprevisíveis que eu invento. Mas sempre era preciso inovar, surpreender os amigos, trazer algo completamente inesperado para a rua. Quando decidi entrar em um papel que já me

acompanha há quase dez anos aqui no Rio, me deparei com muitas dúvidas, inseguranças e questões sobre mim mesmo por causa de uma simples fantasia. Eu me realizo sendo reconhecido por pessoas de várias idades, já saí em jornais, dei entrevistas para blogs e revistas, mas é sempre preciso reafirmar para mim mesmo que quero estar nesse papel mais uma vez. Porque parece que quanto mais o tempo passa, mais difícil é distanciar quem eu sou desse personagem. (Folião 11).

Essa coisa de que “se não existisse o carnaval eu não saberia o que fazer” pode parecer trágica e até infantil mas é uma grande verdade. Muito antes de eu trabalhar com carnaval eu já tinha essa relação de codependência. Falo codependência porque acho que o tanto que o carnaval me dá, eu também retribuo com o que posso para que ele exista. E é isso que eu entendo como participante viva dessa coisa que é muito mais uma festa. Carnaval é uma expressão sem tamanho, tem gente que diz que nem me reconheceria se não me visse enfiada em fantasias o ano inteiro. E, cá entre nós, acho que nem eu! (Foliã 12).

Em meio a tanto compartilhar de dentro e de fora, desses olhares nada mais que humanos, me coloco aqui também a descrever em relato, a minha experiência pessoal como artista criadora dessas vestes que chamamos fantasia. O ateliê me proporcionou não só estar em contato com essa construção antecipada de quem vive o carnaval bem antes de fevereiro, mas também de adentrar um verdadeiro laboratório humano e de dar vida ao personagem sonhado por pessoas de todos os lugares, idades e aspirações.

Vinte e oito foi o número total de fantasias que criei ao lado da amiga de infância e designer de moda, também amante do carnaval, Alice Wermelinger. De outubro de 2018 até o último minuto da quinta-feira anterior ao desfile das Carmelitas, dediquei dias e noites a construir e trazer, para fora do papel, a ideia desenhada junto a foliões de vários cantos do Brasil. Foi um processo lindo, de conhecer e trocar inspirações através de uma tela de celular. Por meio de nosso perfil no Instagram, as pessoas entravam em contato e iniciávamos o processo de desenhar os croquis e projetar peças únicas para aquele corpo e somente quem o habitasse.

164 **1.668** **1.649**
 Publicaç... Seguidores Seguindo
 Mensagem

Tropiquê
 Vestuário (marca)
 Ateliê de fantasias e adereços para carnavalizar o ano inteiro • feitos à mão e com muito borog... mais [VER TRADUÇÃO](#)
 Seguido por [alexiamass](#), [mariarimes](#), [reispaula](#) e mais 104

news clientes criadoras ateliê Melis

E-mail

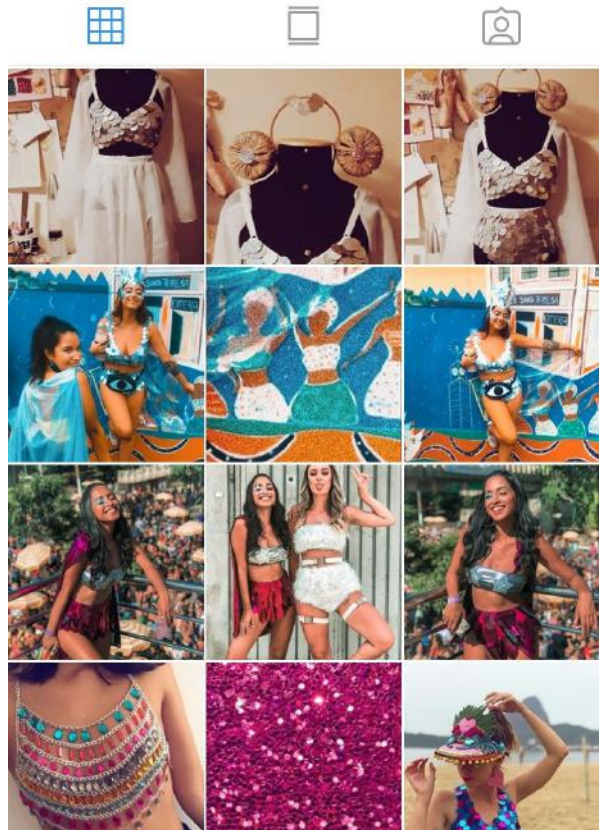


FIGURA 35

FIGURA 36



FIGURA 37

Criamos pássaros, releituras de personagens clássicos do cinema, personificamos signos, bordamos jardins, enfim tudo o que coube na criatividade de ambos os lados dessa troca. O mais interessante foi observar o quanto as pessoas que não lidam com o espaço criativo todos os dias se surpreendem com sua capacidade lúdica. Despertar isso nesse fazer colaborativo foi enriquecedor!



Nosso conceito de comunicação também foi pensado de forma íntima, do “olá” até a chegada da fantasia pelo correio. O feedback recebido não poderia ser melhor. De todos os lugares, retornaram agradecimentos, sugestões, ideias para os próximos anos, fotos e vídeos das fantasias vestidas brincando o carnaval de cada cidade.



FIGURA 38



FIGURA 39



FIGURA 40



FIGURA 41

Tivemos ainda, em nosso primeiro carnaval, a oportunidade de participar de um dos looks do editorial de carnaval da Melissa.



FIGURA 42

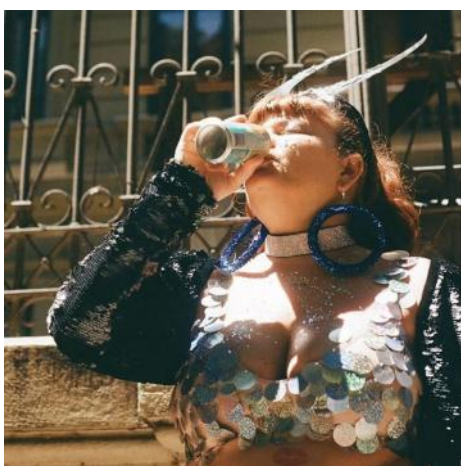


FIGURA 43



FIGURA 44

Todas essas pontes nos fizeram enxergar o quão amplo é o ambiente de quem faz carnaval e quão plural pode ser experimentar trabalhar por um viés colaborativo nesse mundo em que o intercâmbio de saberes é a maior moeda de troca.

3. A CARNAVALIZAÇÃO DE TUDO

3.1. Carnavalizar é descobrir o novo

O potencial inovador do Carnaval se deve muito a sua atmosfera receptiva, alegre e festiva. Porém o fator que aqui considero central para esse laboratório criativo é a liberdade que o carnaval possui de ser ele mesmo sem necessitar de subterfúgios. Esse espaço livre de julgamentos traz à tona uma ideia de “desordem” necessária à raiz da criação. É difícil identificar no mundo, festas onde a diversidade de cores e formas estejam tão presentes e sejam renovadas a cada ano, sem exceção. Como a cada ciclo festivo, cada folião reconstrói sua fantasia como se reconstruísse a si mesmo, com mais cor, mais formas, nunca repetindo-se, mas sempre reciclando-se. E nesse sentido, atento à morfologia da palavra reciclar, pois muito ela tem a ver com o carnaval nos sentidos temporal e material. Ambos se completam, seja no desapareço com o cortejo e com o traje que se vai, seja com a certeza de que em 12 meses ele chega de novo, maior e mais bonito.

Por muito tempo visto como um espaço livre de tensões, o carnaval, em suas variadas formas é compreendido atualmente como um eixo importante de articulações e diálogos entre múltiplas áreas do saber. Tradicionalmente relacionadas com as chamadas manifestações populares, as festas carnavalescas possuem dinâmicas que ultrapassam limitações conceituais e se apresentam como lugares privilegiados para a compreensão e discussão de importantes questões da contemporaneidade (FERREIRA, 2007, n.p.).

É importante evidenciar o carnaval como forma de se reinventar, de redescobrir e revelar os falsos segredos da sociedade, fantasiando-se dela mesma, isto é, brincando com sua própria imagem para comunicar sua existência. Nesse sentido, o espaço que se abre para a descoberta, para o surpreendente, para a inovação, dialoga com o conceito de *Carnavalização* de Bakhtin, pois nele está contida uma pluralidade de valores morais, estilos e gêneros que ultrapassam as barreiras convencionais que nos fecham a revoluções necessárias, seja nas áreas do saber, seja nas práticas materiais.

O carnaval se insinua para além de seu campo de contato previsível. E não é só a indústria da moda que reverencia o carnaval em todo o seu poder de expansão. A

folia é cada vez mais vista como origem e destino (principalmente por seu público específico mas abrangente) de tecnologias inovadoras, formas alternativas de se produzir objetos, de organizar o espaço público, de penetrar o conteúdo humano que circula na cidade. Um desses exemplos é a produção de instrumentos em material plástico, leve e em cores vibrantes, para músicos foliões que passam o dia tocando nos blocos e transportando-os pela cidade.



FIGURA 45

A transdisciplinaridade do carnaval pode ser identificada de diversos pontos de vista e sua contribuição social vai muito além de um “produto” apresentado a um “público” contemplativo. O carnaval é mais que a festa à fantasia nas ruas da cidade. Carnaval é uma linguagem, dos corpos, da criação, de existir. Carnavalar é um ato de afirmação desse tempo e visão de mundo em qualquer âmbito do fazer e do pensar. Dialogar nessa lógica é todos os dias se recriar para revolucionar ideias, códigos e padrões obsoletos. Recolorir o que se desbota, metafórica e literalmente.

No ensaio imagético que deriva de toda reflexão contida e excedente até aqui, carnavalizoo tudo o que posso, e aprecio tê-lo feito, sem cerimônias. Ser ator e agente de uma escrita poética e real, íntima e mundana, penso eu, é transmitir e possibilitar outro olhar para a pesquisa, um desfrutar do corpo que estudamos com menos certezas absolutas e mais humildade para o desconhecido. Talvez de tanto carnavalar, este trabalho possa ser sintetizado em alegria. E em homenagem a essa característica tão marcante de seu traço, dou corpo a um manifesto, para que o carnaval seja revisitado, não somente em seu vislumbre anual, mas em um objeto

vivo, repleto de conteúdos sensoriais, textuais e imagéticos para serem experimentados.

4. METODOLOGIA OPERACIONAL

Quase num delírio foucaultiano de colocar aqui, não a foto ou ilustração do que represento, mas exatamente aquilo do que falo, com cor, peso, forma, textura, história e presença física, justifico o que chamamos de suporte, (in)defino-o como corpo.

Como traduzir esses cinco dias atemporais, de um carnaval que passou mas ainda está, em uma experiência visual? Como fazer de uma experiência visual, outra experiência visual? Como sintetizar em algo ou “algos”, um universo tão ilimitado de particularidades vivas?

Eu me perguntei várias vezes onde caberia expressar tamanho espetáculo. E o afeto sempre me veio como resposta. Por que não fazer da narrativa imersiva um relato legível não apenas pelo texto, mas pela amostra tátil, icônica, sensível? Por que não, além de ilustrações fugazes e observantes, dar vida a um diário de campo com a própria matéria carnavalesca das ruas?

Do ponto de vista multiplicador do Design, minhas estratégias já parecem sambar para os fatores quantidade e viabilidade. Mas minhas mãos pedem unicidade. Pedem um diálogo aberto com o processo, em que o processo seja o que apresento. Não a um mercado ou cliente, mas a mim mesma, como aprendiz do mundo, pesquisadora da rua, amante do carnaval. Pois o carnaval da rua é isso, é a cena que se apresenta aos nossos olhos enquanto se faz, transparente, não como produto final, mas como uma auto alegoria de tudo o que o faz ser carnaval.

Encontro na nota de título de *Diário de Campo* de Carlos Rodrigues Brandão (1982) a definição de alegoria, que me revela em 10 linhas o que estava prestes a culminar na solução para meu enredo. E logo na primeira carta, descreve:

Como é que se escreve o sentimento do mundo? Carlos Drummond de Andrade vive preocupado com isso. Darcy Ribeiro também. Como é que se escreve a emoção? A própria, eu digo. Não a teoria que analisa a dos outros. E, de outra parte, o que é que nos liga à vida e ao amor de uns pelos outros senão essa estranha habitante de uma fala tão difícil?

E ao justificar sua própria obra, caracteriza o Diário de Campo:

[...] os escritos do diário descrevem maneiras de sentir pessoas, lugares, situações e objetos [...].

A diferença, se existe alguma, além da forma de fala, é que aqui, livre do rigor da teoria, não preciso explicar o que compreendo, mas compreender o que sinto. A seu modo o Edmund Leach disse isso assim: “a abordagem alternativa que adotei aqui é a suposição de que a única etnografia da qual o antropólogo social tem conhecimento íntimo é a que deriva de sua própria experiência de vida”.

E, por fim, complementa:

[...] todas as linguagens são possíveis e a fronteira entre a ciência e a poesia pode ser grande ou pode ser nenhuma. [...] fazer o pensar como poema e cruzar a poesia com a beleza. (BRANDÃO, 1982, p.13).

Esse é, então, o primeiro artifício em que me apoio no processo de formação imagética e conceitual do que vem a ser o presente ensaio. O diário de campo como meio íntimo de investigação do mundo, método pessoalíssimo de estudo do que se vivencia e suporte físico de registro visual.

Busco algumas referências, das mais variadas áreas do saber, da pesquisa e da cultura dos povos expressas nesta forma gráfica. Daí, surgem as inspirações primeiras de desenvolvimento e possibilidades para que o projeto tome vida:

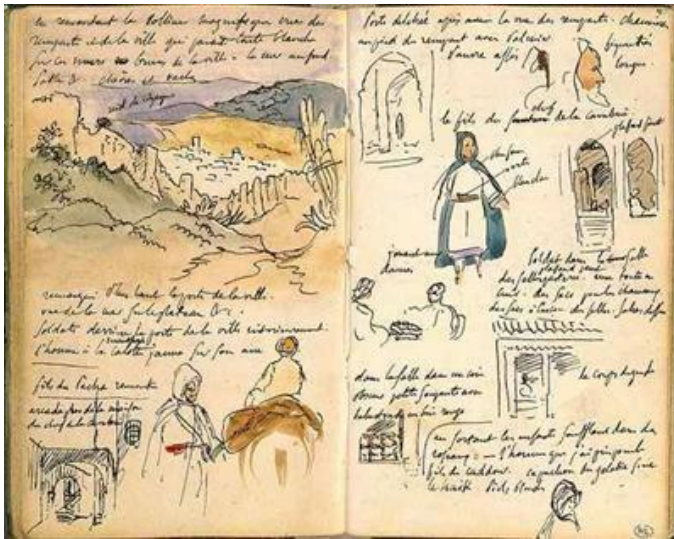


FIGURA 49



FIGURA 50

Enquanto experiência poética, também me apoio no conceito de carnavalização de Bakhtin para explorar as fronteiras da escrita, seja na monografia, seja no ensaio imagético, em equilíbrio com a teoria nem tão distante dessa linguagem em que me apoio.

Em Problemas da Poética de Dostoievski (2003), Mikhail Bakhtin, na década de 60, veiculou o carnaval com a arte

literária, apresentando a teoria da literatura carnalizada. Para ele a carnalização da literatura é a transposição do espírito carnavalesco para a arte, onde se constrói uma pluralidade intencional de estilos e vozes, mistura-se o sublime e o vulgar, intercala-se gêneros (cartas, manuscritos, paródias de gêneros elevados, etc.), provocando uma mescla de dialetos, jargões, vozes, estilos. A literatura carnalizada é ambivalente, pois nela não há a denúncia negativa de caráter moral ou sociopolítico que opera apenas no plano da negação. Para ser carnalizada, a obra precisa ser marcada pelo riso, que dessacraliza e relativiza as coisas sérias, as verdades estabelecidas. (POKULAT, 2009, p.42).

Conceitualmente, procuro pela substância que dará nome ao “corpo” ou suporte do ensaio. Algo que preze por uma totalidade inerente ao carnaval. Encontro na mostra Labirintos Compartilhados, de Sônia Paiva para a Quadrienal de Praga de 2015, um conteúdo precioso ao que busco como construção imagética.

Para a Mostra dos Estudantes, Sônia Paiva concebeu e conduziu o projeto Labirintos Compartilhados; produzido pelo Laboratório Transdisciplinar de Cenografia da Universidade de Brasília. O processo, que durou cerca de um ano, contou com a participação de 20 núcleos de ensino das regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Nordeste. Os projetos foram materializados em forma de cadernos (ou álbuns cartográficos, como ela define) priorizando-se o registro dos processos e percursos de criação do desenho da cena. Pesquisadores, educadores e estudantes brasileiros foram convidados a refletir sobre seus diferentes processos e particularidades regionais, como possibilidades de construção de um todo que retratasse de certa maneira uma unidade nacional. (PQ Brasil, 2014).



FIGURA 51



FIGURA 52



FIGURA 53

Para complementar o campo de referências estilísticas para o conteúdo interno do diário, trago também o conceito de *Bullet Journal* e “journaling” criado em 2015 pelo designer Ryder Carroll.

Esse estilo de registro diário tem como foco o retorno ao uso do papel como suporte para elaboração de ideias e organização pessoal. Quase como uma junção dos sketchbooks às tradicionais agendas, esse método traz a substância artística como forma de dar vida a todos os âmbitos do dia-a-dia: insights, colagens, notas rápidas, anexos, memórias, ideias, listas, datas importantes, planos, indicações de filmes, rabiscos, matérias afetivas como um papel de bala ou ingresso de um show...

Apesar da conceituação regrada pela metodologia desenvolvida por Carroll, hoje os *Bullet Journals* ultrapassam o limite funcional generalizado como meio de organização prática e possuem lugar privilegiado na rotina de artistas e designers. É o sketchbook mais elaborado, como documentação da vivência do artista. É a reunião visual e material do que o inspira, o pedaço do papel cuja textura o provocou tal sensação que sucedeu a estampa esboçada ao lado, juntamente com a letra da música que tocada em seu headphone no momento em que o desenhava.



FIGURA 54



FIGURA 55



FIGURA 56



FIGURA 57



FIGURA 58



FIGURA 59



FIGURA 60



FIGURA 61

Para além das centenas de pessoas que hoje disseminam as formas de se fazer o *Bullet Journal* em vídeos, blogs, redes sociais e afins, a classe de artistas que dança entre o “journaling” e o sketch como forma de registrar suas ideias e referências já utiliza essa prática como portfólio tátil, onde o que se apresenta é mais que um rascunho, mas um verdadeiro projeto visual de quem aprecia o tempo do papel e da arte manual em plena Era Digital.

É partindo daí, entendendo tais referências como leituras e versões do diário de campo antropológico, do ponto de vista da arte e do design, que apoio a elaboração

do meu ensaio imagético. Seu processo, resultado e desdobramentos, documento a seguir, em imagens, relatos e reflexões de seu desenrolar.

O CORPO:

O corpo em sim do ensaio se dá num objeto composto por várias partes. Seu “centro” que dá sentido aos outros membros é uma caixa de madeira em formato retangular, dentro da qual habita um “carnaval” em miniatura, e fora dela, um “carnaval” em tamanho real. Esse real x fantasia é feito pela transição de uma fantasia proporcional ao tamanho da caixa, onde a caixa funciona de guarda-roupas da miniatura. A mesma peça é reproduzida em tamanho real, na proporção do corpo de um adulto. A ideia dessa relação é que, em contato com esse “corpo” possa se vivenciar um pouco da vasta experiência que é o carnaval carioca e que uma vez adentrado, a fantasia se torna realidade e vice e versa, tal qual o rito. Dentro da caixa, ao “tirar a fantasia do armário”, a mesma traz consigo o desenrolar de um “tapete” carnavalesco, que lembra a extensão linear da rua e conta a história descrita no diário dos 5 dias de imersão no carnaval 2019 de forma ilustrada e tátil. Ao chegar no fundo da caixa, o fundo transparente guarda uma seleção de materiais brilhantes, preciosidades da folia, que remete à memórias do “fundo do baú”, uma relação pessoal que construí com a expressão, por ter tido, quando criança, um grande baú de fantasias, e por também tocar nesse aspecto da magicidade do tempo do carnaval. Por fim, a caixa guarda ainda o texto desse manifesto/ diário de campo na forma de um pequeno estandarte, que reverencia tanto o elemento tradicional do carnaval de rua do Rio herdado da folia de reis, quanto o caráter simbólico, sagrado e expressivo que carrega.

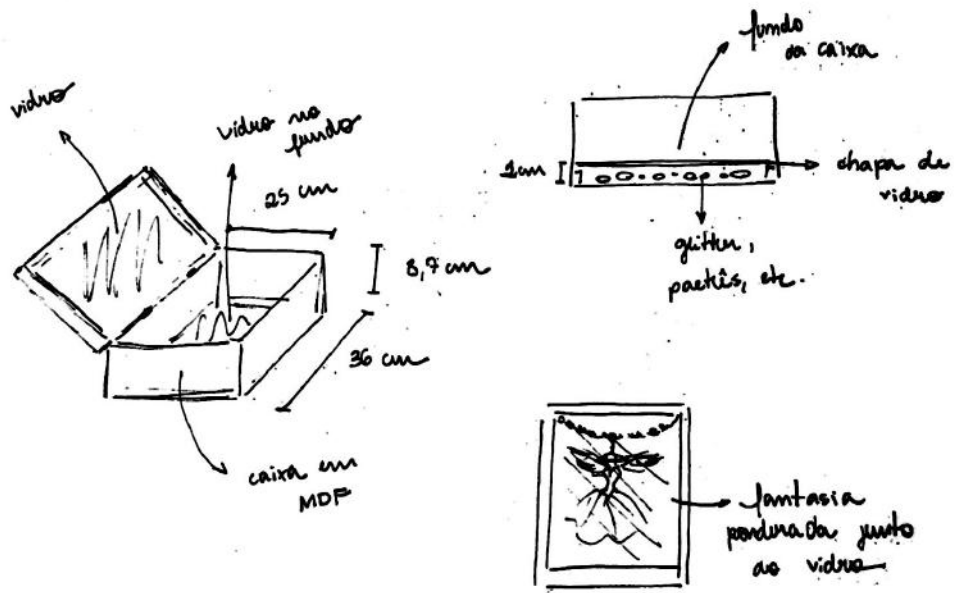


FIGURA 62

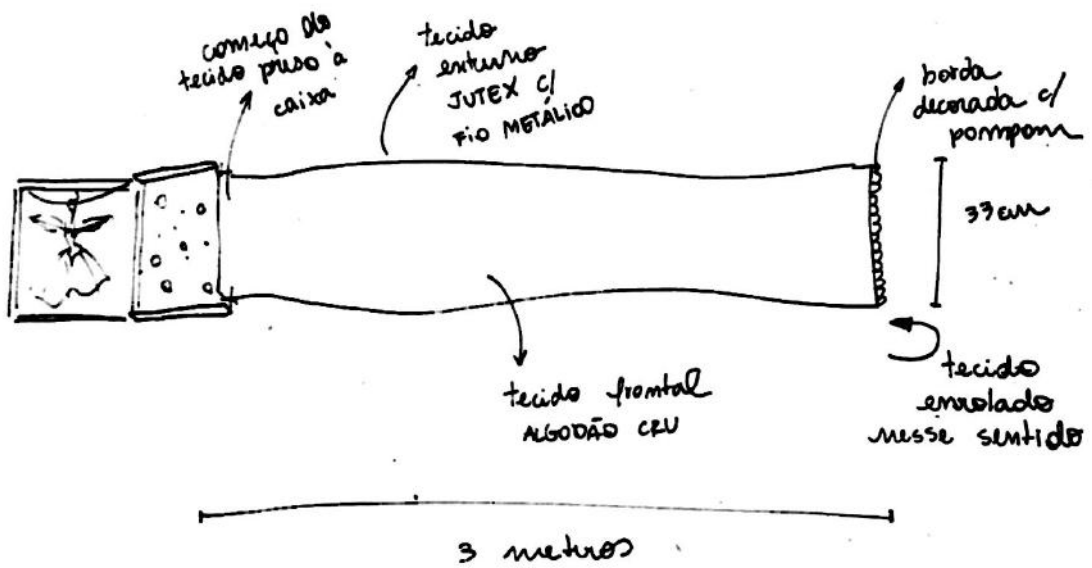


FIGURA 63



FIGURA 64

O PROCESSO:

Começo com a definição do suporte para a narrativa principal. A princípio, talvez por conta de todas as referências escolhidas, o papel pairava como única opção. Até que, avaliando o universo de materiais inseridos no carnaval, percebi que o tecido estava muito mais próximo do toque e da estética carnavalesca. No início, de certo modo, trabalhar esse material exigiu muitos testes, instrumentos e técnicas para se chegar ao resultado idealizado que reunisse, de forma agradável visualmente, ilustrações, impressões, cores e intervenções de relevo, sem que o “caos” dessa mistura fizesse a peça perder seu valor e detalhes simbólicos. Para isso, o olhar organizado do design foi fundamental, na seleção do que se harmonizava e na exclusão do que se excedia. Como cor principal, minha escolha foi o amarelo ouro, que traçou em manchas maiores, o background dos detalhes em preto sobrepostos em linhas e preenchimentos destacados. O amarelo em aquarela e o preto em caneta e tinta para tecidos, sobre algodão cru costurado a um tecido externo na cor amarela e entrelaçado por fios dourados que trazem de forma equilibrada o brilho característico do carnaval.



FIGURA 65

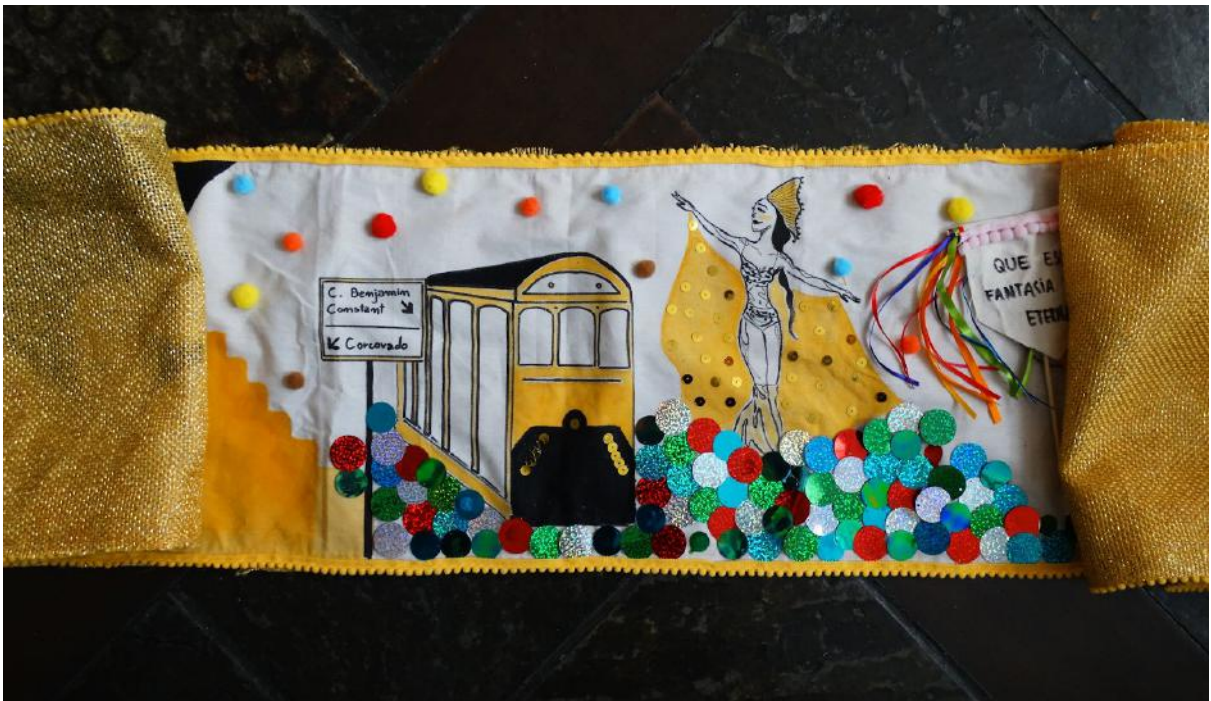


FIGURA 66



FIGURA 67



FIGURA 68



FIGURA 69



FIGURA 70



FIGURA 71

Para as fantasias, utilizo basicamente os mesmos materiais em tamanhos proporcionais à ambas, respectivamente. Enquanto que para a fantasia real, os bordados são feitos em pastilhas tamanho 18, para a miniatura, utilizo lantejoulas do menor diâmetro disponível nas mesmas cores.



FIGURA 72

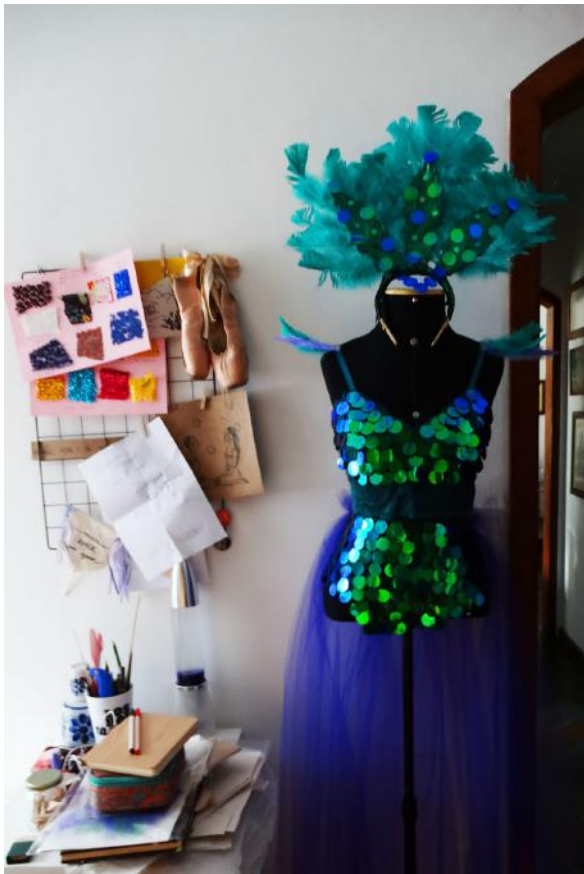


FIGURA 73



FIGURA 74

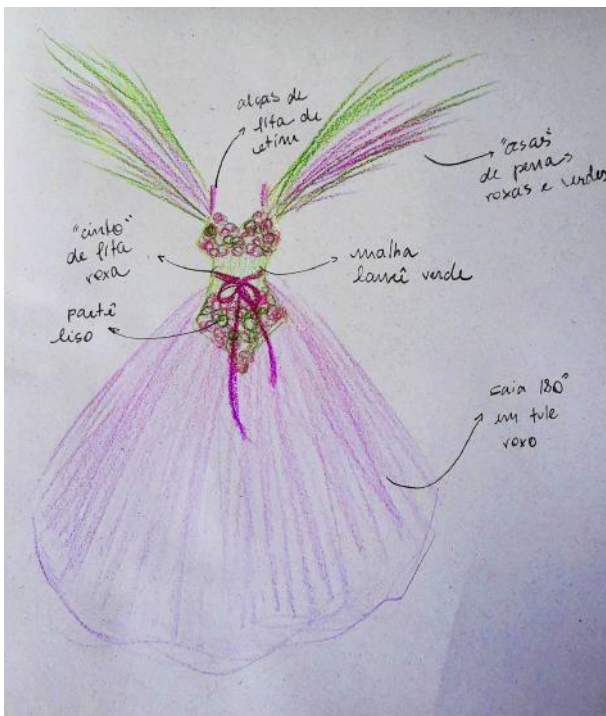


FIGURA 75



FIGURA 76

O manifesto é feito em forma de páginas reunidas na parte superior do mastro de forma que a “capa” reproduz um verdadeiro estandarte, seguida do texto (anexo 1) na íntegra estampado em quadradinhos de tecido. Para imprimir o texto, procurei

não deixar de lado o processo manual e utilizei a técnica de transferência de xerox para tecido. O procedimento consiste em pincelar o gel na superfície para onde a imagem ou texto será transferido e também na impressão invertida da imagem da xerox no papel. Feito isso, ambas as faces são coladas e é necessário um tempo de secagem de aproximadamente 4 horas. Após a secagem completa, faz-se a lavagem dos tecidos e com a ajuda de uma esponja (a parte lisa) desfaz-se a celulose do papel amolecido com a água, permanecendo apenas a impressão no tecido. Foram necessários alguns testes para chegar ao resultado desejado, tendo em vista que o processo foi experimental e o tempo de secagem e a pressão da esponja afetam diretamente a nitidez e contraste da impressão final.



FIGURA 77

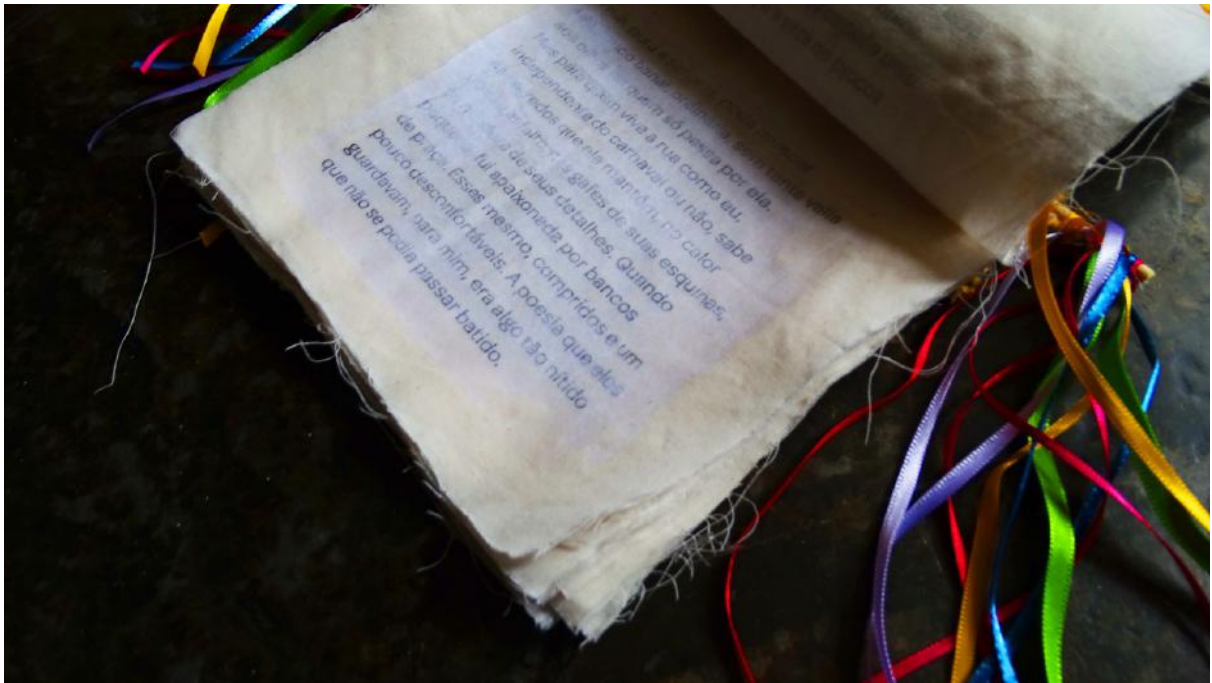


FIGURA 78

A caixa em si, na qual decidi destacar os material do fundo contrastando-os com um plano preto por detrás do vidro interno, feita em madeira MDF. A escolha do vidro, ao invés do acetato (opção inicial) foi por durabilidade e valorização da peça.



FIGURA 79



FIGURA 80



FIGURA 81

Por fim a construção textual do manifesto, parte tão importante do processo para mim, já que a escrita ocupa minha vida na mesma proporção que tudo o que crio. Sempre pensei escrevendo, é como meu pensamento flui. Apesar de quase todo designer evitar esse espaço, é o lugar em que, talvez, eu me sinta mais confortável em despejar minhas ideias. E é claro que precisava dar o devido prestígio a esse conteúdo tão próprio neste trabalho. Por isso, antes de todas as idéias corpóreas aqui descritas, veio o manifesto. O Manifesto da Alegria (**anexo 1**), como decidi chamar, tanto o texto quanto o trabalho por inteiro, é um relato íntimo dos 5 dias de folia através dos meus olhos e de tudo o que me permiti viver. E é além de tudo, uma reflexão atemporal sobre estar no carnaval sendo um corpo que brinca e que observa a rua, que ora está em uma troca constante com os outros corpos em um bloco, ora viaja para o passado e lembra de seu amor por bancos de praça... E mesmo depois de ter me inspirado em tão bela escrita de Roberto Damatta em minha bibliografia principal *O Universo do Carnaval* (1981), me deparo nas estantes de uma livraria com *Pecados Carnavais* (2018) recentemente lançado que, quase de forma sincronizada, abraça a minha escrita e me faz ter certeza do caminho a percorrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Carnaval e Comunicação Visual

O presente trabalho buscou, de forma poética e singular, em uma análise mais humanizada, expandir reflexões em torno do caráter comunicacional que reside no Carnaval, através de um olhar estético. Por meio de uma verdadeira imersão em seus espaços e sentidos, demarco esta pesquisa carnavalesca nos aspectos múltiplos da Cidade do Rio de Janeiro, de sua gente, de suas ruas e de suas nuances. Contorno a amplitude libertadora desse tema com as teorias sólidas de autores que foram muito além de mestres nessa construção laboratorial de conhecimentos. Experimentei me permear desse tempo emocional indefinível, viver a fantasia em todas as suas etapas. Estudar e analisar de perto, com esse olhar sociológico, os infinitos pontos visuais dessa comunicação manifestante, foi sobretudo entender o quão importante é a transdisciplinaridade do carnaval nesse contexto de colaboração entre grandes áreas. Foi desenvolvendo este trabalho que, através do Design, me descobri apaixonada pela Antropologia, pelas Ciências Sociais, pelos Estudos da Cena, pela Indumentária e por tantas outras conexões que formei carnavalizando.

Mas há uma relação fundamental conferida ao longo dessa pesquisa que não posso deixar de salientar e me aprofundar aqui, nesse momento último de expôr minhas constatações. A relação entre o Carnaval e o Design é transparente em seu cerne: ela está exposta no ato de ambos, em sua essência primeira da arte de manifestar tudo aquilo o que se sente vendo, fazendo e participando. Essa multidisciplinaridade que se comunica visualmente, expande universos do pensar, colocando-nos frente a frente com nós mesmos, com nossas crenças, identidades e emoções. Faz desse espelho a cultura da sociedade brasileira, riqueza nossa, tão fundamental. Brinca de subvertê-la, desmascara nossos desejos e liberta a imagem mais espontânea que pode existir da inteira complexidade que somos nós. E quem o produz, participa, dança, assiste, interfere, ergue em seu estandarte ou declara em sua fantasia tudo aquilo que não precisa ser dito em palavras, mas lido no olhar...

E não é o Design ferramenta de conduzir um espetáculo visual que ele também projetou e participa? Do qual, enquanto ilumina e dá forma, é igualmente espectador encantado? Que ressignifica seus meios de revelar uma mensagem da forma menos óbvia e mais humana possível?

O fato é que o Carnaval espelha livremente a nossa tão característica atuação como designers, assim como todos os conjuntos da sociedade, desde suas representações simbólicas mais convencionais até as subversões atemporais que conduz. Porém, há em nossa intercessão algo muito intrínseco no que diz respeito à linguagem: ela é visual, em sua forma mais plural, e em todos os sentidos. O

Carnaval comunica a sua existência na imagem e no som. São suas cores, seu soar, seu brilho, formas e metamorfoses comportamentais (da cidade, dos figurinos, dos gestos) duais e ininterruptas que anunciam a sua chegada e a sua substância. Assim fazemos, em nosso infinito diálogo com esse elemento fundamental da comunicação visual, que ora repousa sobre um grid perfeitamente alinhado, ora necessita gritar em 30 cores vibrantes o que texto algum poderia exprimir.

Tudo o que diz o Carnaval, o que guarda e o que traduz, se materializa em imagens que, ora dançam despreziosamente em meio a um brilho de plumas sem fim, ora se posicionam iconicamente em manifesto aos seus ideais usando tudo além de seus corpos adornados junto a outros tantos que completam a multidão. Apesar do que se enxerga na leviandade de quem não vê além do caos, o Carnaval é feito em atos, organizado em tempos, dividido em apreciações, construído em meses, planejado a fio, vivido intensamente, desfeito com destreza, para reciclar-se ao virar do calendário que, não só termina, como começa em março. Tão orquestrado quanto fazemos em nosso papel 'projetal'. Tal qual o corolário da festa, não é o caos o processo mais vasto e profundo para nossas ideias e criações mais revolucionárias nascerem?

Chego a achar graça de como se refletem, tanto os estereótipos quanto o âmago oculto, um do outro: o Carnaval e o Design são vistos por quase todo o seu público num lampejo de tempo não condizente com sua ampla concepção. A ideia de que todo aquele conteúdo é resultado de uma dedicação mágica e invisível, facilmente confeccionado e feito para "embelezar" o que quer que seja, faz folia e disciplina, quase irmãs por empatia. Mas o que poucos podem ver, se descreve no background gigantesco desse "entre" (antes e depois) do projeto finalizado na mesa ou da fantasia desfilada no bloco. Seu caos, pouco compreendido a olho nu, é fonte única para a inovação. Quanto mais informação se esbarra, na rua ou no brainstorm, maior a riqueza de imagens e significados dessa alquimia. Não é só por celebrar a diversidade, mas por ser ela o nutriente principal que faz mover ambos os pontos.

O entender mais profundo do universo do Carnaval, da mesma forma que o do Design, rompe com o preconceito de que suas "funções" finais se resumem a conferir beleza à rua ou a algo. Desde suas raízes, o Carnaval é uma festa do olhar e do ouvir, mas nunca se comprometeu com uma estética regrada (restringida) ou códigos que dizem o "bonito" ou o "feio" da imagem que desfila, por não se limitar a uma ideia tão pobre e estéril de leitura de mundo. E assim como o Design, o fazer carnavalesco sustenta o importante dever de estampar mensagens, ocultas ou diretas.

Nesse ponto, o desdobramento dos "corpos" é um primor à parte observado nesta pesquisa que me motiva a estudar mais e mais o tema. Tanto no Design como no

Carnaval, desempenhamos diferentes papéis, muitas vezes simultâneos ao longo do processo criativo. Existe o corpo que pesquisa, analisa e registra o que capta de seu objeto de estudo. Existe o corpo que mergulha no habitat de seu objeto, para que possa provar do ponto de vista inserido em seu contexto, tão rico e diferente da teoria idealizada. E então há o corpo que constrói e solidifica o produto resultante desse encontro da ideia com os conhecimentos tácitos. Ao longo dos meses de desenvolvimento deste trabalho, pude vivenciar “vestir” o papel desses três corpos: fui pesquisadora, foliã e designer. Estruturei minhas bases teóricas, imergi no universo das ruas e retornei para reunir todo o conteúdo experimentado em um novo “corpo” que materializa essa síntese.

E não seriam os corpos no Carnaval (festa da “carne”), a superfície, o suporte da mensagem, a matéria da mensagem, o motivo, o meio, o fim e a própria mensagem? Quantas vezes o Design não se utiliza do design para falar de si mesmo? O quanto a comunicação visual não é metalinguagem fértil que a faz tão abundante em seus significados e autoinvestigações constantes?

Penso aqui, independente dos produtos gerados, que essa parte de todo processo criativo no Design, no Carnaval e em várias outras áreas do pensar, é uma qualidade inenarrável, que talvez mereça ser sempre mais e mais valorizada por quem o faz, na intenção de não a deixar perecer ao encontrar-se perdida. Nutrir-se do autoconhecimento na criação é tão fundamental quanto a própria criação. E nós designers temos a sorte de encontrar dessa fonte em nossas raízes e em nossos alcances. São infinitas as leituras que podemos fazer desse conjunto comum de qualidades que regem ambos os universos do Carnaval e do Design e espero ter apenas começado minha jornada a investigá-lo.

Reforço aqui, mais uma vez, a importância de celebrar o Carnaval, também, na pesquisa e inseri-lo como objeto de estudos na Academia. De trazer esse conteúdo inteiramente instigante para perto do pensar de quem o produz e que faz parte de sua história. De consumir essa riqueza das ruas de forma a digeri-la, quase que antropofagicamente, para que retorne para o mundo e floresça em outros âmbitos, como patrimônio cultural. E, o Rio de Janeiro é o berço desse acontecimento, nenhum lugar melhor para gestar esse pensamento senão em sua própria casa.

A forma orgânica com que dialogam as teorias que me apoiaram ao longo da escrita e das leituras, às falas mais despretensiosas e espontâneas que recolhi na rua, realimentam minha experiência de não só pesquisar, mas mergulhar no universo carnavalesco e me impulsionam para outras investigações teórico-críticas, no embarque para novas batalhas de confetes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Leonardo. **Fredrik Barth: transacionalismo, fronteiras e etnicidade.**

2018. Disponível em:

<https://ensaiosnotas.com/2018/06/02/fredrik-barth-transacionalismo-fronteiras-e-etnicidade/> . Acesso em: 16 set. 2018.

ARAÚJO, Virgínia Gil. **Identidade, cultura e autorretrato.** p.7. 2017. Disponível em:

<https://universodesi.files.wordpress.com/2017/04/identidade-cultura-e-autorretrato.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BECHARA, Márcia. **Radio France Internationale Convida: Roberto DaMatta.**

2018. Disponível em: <http://br.rfi.fr/brasil/20180212-rfi-convida-roberto-da-matta> .

Acesso em: 16 set. 2018.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **Diário de Campo: a antropologia como alegoria.**

São Paulo: Brasiliense, 1982.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileira.** 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que diz o Carnaval.** Revista Época, 2013. Disponível em

<http://revistaepoca.globo.com/opiniao/roberto-damatta/noticia/2013/02/o-que-diz-o-carnaval.html> . Acesso em: 17 set. 2018.

_____. **O Universo do Carnaval Imagens e Reflexões.** 1.ed. Rio de Janeiro:

Editora Pinakotheke, 1981.

FERREIRA, Felipe. **Estudos de Carnaval: Textos Escolhidos de Cultura e Artes.**

Volume 8. N.2. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Artes, 2007.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1985.

GUEDES, Rafael. **Pecados Carnavais.** 1. ed. São Paulo: Carapaça, 2018.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. 1.ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

MONTEIRO, Paula. **A teoria do Simbólico de Durkheim e Lévi-Strauss: Desdobramentos Contemporâneos no Estudo das Religiões**. São Paulo, 2014.
Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002014000100007 .
Acesso em: 16 set. 2018.

PEREIRA, Chris. **Ritual, Fantasia e Identidade no Carnaval Carioca**. UDESC-SC, 2013. Disponível em:
http://www.labpac.faed.udesc.br/ritual%20fantasia%20identidade%20no%20carnaval%20carioca_chris%20p%20lopes.pdf Acesso em: 10 ago. 2018.

POKULAT, Luciane Figueiredo. **Um olhar sobre o romance do malandro**. PUC-RS, 2009.

SANSÃO, Adriana. **Intervenções Temporárias e Marcas Permanentes na Cidade Contemporânea**. Vol. 8, n. 1, p. 31-48. Rio de Janeiro: Arquiteturarevista, 2012.

STEINER, Rudolf. **Arte e Estética Segundo Goethe: Goethe como Inaugurador de uma Estética Nova**. 4.ed. São Paulo: Editora Antroposófica. 1888.

ANEXO 1

O MANIFESTO DA ALEGRIA

Na rua saio cedo, certa. O primeiro dia a gente segue a agenda. Não são dois ou três que se perdem a correr na calçada. Já avisto na ruela que termina ali, os companheiros de folia desconhecidos da vida. O metrô já acena, num vagão ou outro, o trompete que anseia a hora de encontrar a banda. Metros e metros da avenida fechada se encham de gente como se transbordassem ao contrário. As meninas riem no canto da escadaria que parece se mover sozinha como um formigueiro. Ao clarear o corredor, já avisto os ambulantes, os sons da rua cada vez mais altos. De repente eu sou a rua. Nos apressamos a subir a Benjamin Constant contando os degraus ou os tropeços. Já na terceira esquina, parece infinita a caminhada porém o batuque cada vez mais próximo não deixa a alma ceder. E sem arrependimentos pelo esforço, na esquina última, vejo o lampejo dos estandartes no meio do bloco inteiro que vem descendo o Largo do Guimarães. Ah, quanta cor... Meu Céu na Terra, parece uma eternidade esperar você chegar todo ano! No alto de quem vem na frente, Poti brilha como ontem, enquanto soavam as Carmelitas “o meu amor eu encontrei nessa ladeira...”. Tanta gente que nem dura esperar. Sigo a banda e no meio da multidão, me liberto de qualquer domínio, me deixo levar, não que haja outra escolha possível. Subo o muro para ver toda a gente, e quanta gente! E lá no meio um grito a me chamar: mamãe se destaca no meio da multidão traçando uma diagonal meio torta ao meu encontro. Mal posso acreditar, como ninguém acredita, que se possa ser encontrado em pleno carnaval. Aí recordo que apenas esses encontros não combinados são possíveis de acontecer como em todos os outros anos se fizeram. Rimos, uns vem cumprimentar, outros se espantam com a juventude dela “impossível! É sua mãe?” e não podemos ficar nem cinco minutos que a banda já se foi. Tchau gente, nos vemos por aí hoje ainda, quem sabe? Dali não nos vimos mais. É um risco que se sabe. E depois de muito seguir o bloco, “damos um pulo no Flamengo?”. Vai ser bom almoçar. Macarronada, o de sempre. 2 horas de sono e o uber chega para o próximo destino. “4 aí e 5 aqui?": isso! “Moço, cabe mais um?”, chegamos cedo, mas era pra pegar a música boa. “Amanhã tem o que?” e a lista de blocos passa automaticamente pela cabeça num looping, até que pesco: “Boi Tolo, único bloco possível!” não dá para discordar, mas alguém suspeita “ano passado não foi furada? Vocês foram parar naquele túnel e...”. Ah, mas esse ano vai ser bom, não tem erro, tem que pegar o boi azul ou o vermelho, tô com os contatos todos. E amanhã foi bom mesmo. Ô dia cheio. É nessa de ir atrás de bloco que não para nem descansa que eu me pego a pensar por que eu amo tanto a rua. A rua, pura e simples, pode parecer um pouco banal, ordinária, sem tanta valia aos olhos de quem só passa por ela. Mas para quem vive

a rua como eu, independente do carnaval ou não, sabe os segredos que ela mantém, no calor do seu asfalto, nas gafes de suas esquinas, na miudeza de seus detalhes. Quando pequena, fui apaixonada por bancos de praça. Esses mesmo, compridos e um pouco desconfortáveis. A poesia que eles guardavam, para mim, era algo tão nítido que não se podia passar batido. Mais tarde ouvi algo sobre os retratantes de bancos nas artes sempre estarem conectados ao tempo, como observadores, como um próprio personagem imóvel participante da história de todos que já sentaram, deitaram, recostaram ali. Sempre fui uma romântica, admito. E meu afeto é público, nunca escondi. Talvez por isso a rua, e sobretudo o carnaval, me traduzam um tempo, esse tempo próprio e unívoco que só o carnaval tem, diferente desses em que vivemos fora dele, de amar detalhes invisíveis ou mesmo insanamente denotados da vida que passa desfilando devagar. Na rua uma troca de olhares é um espetáculo à parte. Por mais que muitos pensem na superficialidade das relações que se dão nas calçadas amontoadas de gente nesse período, eu gosto de pensar em todos os amores que eclodem a cada instante. Amores por desconhecidos, por quem sempre estive ao seu lado, amores por ambulantes, pelo trompetista que foi embora mais cedo, pela pernalta que lá das alturas jogou um beijo que eu nem sei se foi pra mim, pela sonoridade do cortejo, pelo cortejo, pela rua, por toda a cidade... Vejo passar ao meu lado um casal de namorados, que apesar de toda a muvuca, parecem viver um carnaval só deles. Vejo corpos reluzentes (pelo suor e pela purpurina que os banha) que se amam e amam outros corpos numa ebulição de liberdade que nenhum outro lugar proporciona, senão a rua. Essa rua ocupada por cores, formas, origens ilimitadas. Essa rua que ferve, neste ano decadente, desse desgoverno coxo, a substância máxima das massas que a afirmam sua. De seus galantes primatas e das mulheres que conquistam o direito de lhes dizer não. Essa rua politizada, consciente do que a mantém pública, única, nossa. Apressamos o passo, a prima mais velha chegou e disse que perdemos o bloco, aquele é outro. Não dá tempo de esperar o resto. Mais tarde a gente conversa quando você não estiver tão tonto. Corremos. Corremos como se nossa vida dependesse de achar aquela banda. A Uruguaiana na luz da manhã já estava longe agora... Abriu-se o céu e de repente já estávamos em Botafogo. "Nossa, foi rápido né?", não amiga, já são quase quatro da tarde... E quando parecia acabar, o bloco para o trânsito. Os carros businam inutilmente na boca do túnel que o cortejo toma pra si. Vejo homens feito meninos correndo, pulando, gritando para os amigos. Como é maravilhosa essa sensação de ver corpos ocupando um trajeto tão incomum ao andar à pé. Como é incrível a visão de uma multidão emergindo desse lugar, quase como companheiros de uma longa jornada podendo enfim enxergar a luz. E todos berram e se abraçam celebrando essa chegada. A chuva vem, mas ninguém sai da rua. Até o Leme a folia aguenta. Quando a água já passa dos joelhos é hora de ir pra casa. E o bom de chegar em casa, casa de primos, amigos, gente nossa, é que no mesmo teto, cada um chega e sai no seu horário. "Qual a boa de hoje?" ela arregala o olho "você não está vendo o

dilúvio?” ah mas vai passar... E passou. Mais três dias de sol. Segunda-feira tem Vem Cá Minha Flor “vamos?”. Sei lá, acho que o Trombetas Cósmicas tem mais a ver com a gente. Tá bom, a gente se encontra mais tarde no Centro. “Volta pra casa, amanhã tem aquele cheio de gente bonita!”. O metrô não lota esse ano, não entendo o porquê. Vou de teimosia ao Sargento, mas só lá vejo que já foi o tempo. “Alô, você tá no Centro?” Corro pra Carioca, em quinze minutos eles devem sair, não posso perder! Rápido! Desço as escadas no mesmo minuto em que os três pulam pra fora do vagão. Nem acredito. Só pode ser coisa do carnaval! Ah, que saudade que eu estava... Dia de andar em outro grupo é também ler a rua de outro modo. Nem todos andam devagar, nem todos fazem corrente quando a coisa aperta. Pertencer a um grupo é seguir seus próprios códigos, sinais e normas de segurança. Mas a mão que segurei na segunda era aquela. Roubou-me beijos diferentes dos outros, nos lembravam a aurora da juventude de carnavais já muito distantes. O bloco também repete a vida. Tão mais confortável estar com quem já conhecemos, com quem temos nossos laços, afetos mútuos. Mas eles também se acabam num espaço curto, e já era noite quando me perdi dessa fantasia e voltei pra casa. O sono leva embora o peso de ontem e terça às 9h já estavam todos de pé carregando suas penas, maiôs, tules e organzas para o “último” dia do que chamamos de carnaval oficialmente declarado nos calendários nacionais. Sabíamos que ainda havia muito por vir, mas a expectativa mansa da manhã em que todos se despedem simbolicamente dessa rua transformada, não poderia causar menos barulho no sexto andar da Joaquim Nabuco, tão longe de onde estaríamos momentos depois. “Mas que horas sai a Orquestra?” só à tarde, mas vamos cedo para curtir a concentração. “Pegou o protetor solar?” Pra quê? Para o sol, o sol escaldante que fazia ali quando chegamos. Mas tudo bem, último dia tem que brincar sem medo de ser feliz. E por falar em brincar, apesar do carnaval ser a festa da carne, que exala sexualidade por todos os seus poros febris, o que vejo são milhares de adultos de todas as idades deixando transparecer sua alma infantil. Crianças: rindo, pulando, caindo, correndo, dançando, brincando. Que possibilidade maravilhosa temos de deixar de lado, pelo menos uma vez ao ano, a máscara sóbria da maturidade e sermos leves para gargalhar sem limites, abraçar e beijar os nossos sem formalidades, quebrar os tabus que nos assolam todos os dias. E no meio dessa alegria eufórica, eu, sentada no meio fio, enquanto tiro uns minutos para observá-los, vejo um rosto talvez conhecido ali a alguns metros. Me aproximo sem muita certeza. “Oi, a gente se conhece?” acho que sim. Rimos. “Você é o roteirista né? Sim. São poucos minutos dessa troca, o beijo no meio, tão íntimo quanto alguém que eu realmente conhecesse a fundo. “Estou procurando um amigo, ele já devia ter chegado”. Entendo. Nos despedimos ali. Nem eu nem ele queríamos nos privar de um encontro melhor num futuro próximo. “Você tem meu número?” sim. Na hora de voltar no escuro, os pés nem mais obedecem os comandos mentais. No caminho para casa, sentados no chão do metrô, junto de todo o vagão que sorri cansado de 5 dias de ‘folia, as histórias vividas já parecem distantes o bastante para

serem contadas em narrativas épicas para os amigos em volta. Não há noite melhor que essa. Noite de comemorar memórias, contabilizar os micos, rir de tudo, eternizar os laços e renovar os planos para o próximo ano. Para mim, Carnaval sempre foi o verdadeiro ano novo. Porque não há esperança melhor que essa de que em 365 dias nos vestiremos novamente de alegria para desfilarmos nossa liberdade pela rua. E que o Brasil ainda será Brasil, tão colorido, diverso e plural como só ele. E isso, lugar nenhum do mundo irá presenciar igual.

ANEXO 2

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: festa de aniversário: acervo pessoal.

Figura 2: carnaval de 1999: acervo pessoal.

Figura 3: carnaval: acervo pessoal.

Figura 4: carnaval: acervo pessoal.

Figura 5: carnaval: acervo pessoal.

Figura 6: carnaval: acervo pessoal.

Figura 7: carnaval: acervo pessoal.

Figura 8: carnaval: acervo pessoal.

Figura 9: carnaval: acervo pessoal.

Figura 10: festa de aniversário: acervo pessoal.

Figura 11: amigos: acervo pessoal.

Figura 12: amigos: acervo pessoal.

Figura 13: matinê do Clube Caledônia: acervo pessoal.

Figura 14: matinê do condomínio: acervo pessoal.

Figura 15: matinê do Clube Caledônia: acervo pessoal.

Figura 16: ballet: acervo pessoal.

Figura 17: teatro: acervo pessoal.

Figura 18: teatro: acervo pessoal.

Figura 19: carnaval 2018: acervo pessoal.

Figura 20: carnaval 2019: acervo pessoal.

Figura 21: carnaval 2019: acervo pessoal.

Figura 22: carnaval 2019: acervo pessoal.

Figura 23: carnaval 2019: acervo pessoal.

Figura 24: carnaval 2019: acervo pessoal.

Figura 25: Fonte: **Igreja de São José, Rio de Janeiro**. Disponível em <<https://www.google.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 26: Fonte: **Carnaval Centro do Rio**. Disponível em <<https://www.google.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 27: Fonte: **Praia de Copacabana**. Disponível em <<https://www.google.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 28: Fonte: **Carnaval Copacabana..** Disponível em <<https://www.google.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 29: Fonte: **Bonde de Santa Teresa**. Disponível em <<https://www.google.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 30: Fonte: **Carnaval Santa Teresa**. Disponível em <<https://www.google.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 31: Fonte: **Bloco Amigos da Onça**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 32: Fonte: **Fantasia de carnaval feitas à mão**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 33: Fonte: **Fantasia de carnaval feitas à mão**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 34: Fonte: **Fantasia de carnaval criativas**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 24 nov. 2018.

Figura 35: Fonte: **@tropicocarnaval**. Disponível em <<https://www.instagram.com/tropicocarnaval/>>

Figura 36: Fonte: **@tropicocarnaval**. Disponível em <<https://www.instagram.com/tropicocarnaval/>>

Figura 37: Fonte: **@tropicocarnaval**. Disponível em <<https://www.instagram.com/tropicocarnaval/>>

Figura 38: Fonte: **@tropicocarnaval**. Disponível em <<https://www.instagram.com/tropicocarnaval/>>

Figura 39: Fonte: **@tropicocarnaval**. Disponível em <<https://www.instagram.com/tropicocarnaval/>>

Figura 40: Fonte: **@tropicocarnaval**. Disponível em <<https://www.instagram.com/tropicocarnaval/>>

Figura 41: Fonte: **@tropiquecarnaval**. Disponível em <<https://www.instagram.com/tropiquecarnaval/>>

Figura 42: Fonte: **@melissaoficial**. Disponível em <<https://www.instagram.com/melissaoficial/>>

Figura 43: Fonte: **@melissaoficial**. Disponível em <<https://www.instagram.com/melissaoficial/>>

Figura 44: Fonte: **@melissaoficial**. Disponível em <<https://www.instagram.com/melissaoficial/>>

Figura 45: Fonte: **Trompete de plástico**. Disponível em <<https://www.google.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 46: Fonte: **Diário de Campo Antropologia**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 47: Fonte: **Diário de Campo Antropologia**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 48: Fonte: **Diário de Campo Antropologia**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 49: Fonte: **Diário de Campo Antropologia**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 50: Fonte: **Diário de Campo Antropologia**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 51: Fonte: **PQ Brasil 2015**. Disponível em <<https://pqbrasil.org/quadrienal-de-praga>> Acesso em 20 jun. 2019.

Figura 52: Fonte: **PQ Brasil 2015**. Disponível em <<https://pqbrasil.org/quadrienal-de-praga>> Acesso em 20 jun. 2019.

Figura 53: Fonte: **PQ Brasil 2015**. Disponível em <<https://pqbrasil.org/quadrienal-de-praga>> Acesso em 20 jun. 2019.

Figura 54: Fonte: **Bullet Journals**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 55: Fonte: **Bullet Journals**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 56: Fonte: **Bullet Journals**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 57: Fonte: **Bullet Journals**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 58: Fonte: **Bullet Journals**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 59: Fonte: **Bullet Journals**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 60: Fonte: **Bullet Journals**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 61: Fonte: **Bullet Journals**. Disponível em <<https://www.pinterest.com>> Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 62: sketch do projeto: acervo pessoal.

Figura 63: sketch do projeto: acervo pessoal.

Figura 64: sketch do projeto: acervo pessoal.

Figura 65: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 66: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 67: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 68: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 69: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 70: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 71: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 72: croqui da fantasia proporção real: acervo pessoal.

Figura 73: fantasia proporção real: acervo pessoal.

Figura 74: fantasia proporção real: acervo pessoal.

Figura 75: croqui da miniatura: acervo pessoal.

Figura 76: fantasia em miniatura: acervo pessoal.

Figura 77: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 78: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 79: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 80: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

Figura 81: detalhe do ensaio imagético: acervo pessoal.

